



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA**

CLAUDINEI CAETANO DOS SANTOS

**ANÁLISE DO CONCEITO DE DISCIPLINA NO VALE DO
GUAPORÉ: VILA BELA DA SANTÍSSIMATRINDADE**

**CUIABÁ
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA**

CLAUDINEI CAETANO DOS SANTOS

**ANÁLISE DO CONCEITO DE DISCIPLINA NO VALE DO
GUAPORÉ: VILA BELA DA SANTÍSSIMATRINDADE**

**CUIABÁ
2011**

CLAUDINEI CAETANO DOS SANTOS

**ANÁLISE DO CONCEITO DE DISCIPLINA NO VALE DO
GUAPORÉ: VILA BELA DA SANTÍSSIMATRINDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea na Área de Concentração, Estudos Interdisciplinares de Cultura, Linha de Pesquisa Epistemes Contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Leite

**Cuiabá-MT
2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

S237a Santos, Claudinei Caetano dos.
Análise do conceito de disciplina no Vale do Guaporé :
Vila Bela da Santíssima Trindade / Claudinei Caetano dos
Santos. – 2010.
87 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador : Dr. José Carlos Leite.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato
Grosso, Instituto de Linguagens, 2010.
Inclui bibliografia.

1. Disciplina. 2. Controle territorial – Vila Bela da
Santíssima Trindade (MT). 3. Poder disciplinar I. Título.

CDU xxxxxx



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA



**DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
CULTURA CONTEMPORÂNEA**

Prof^a. Dr^a JUDITE GONÇALVES DE ALBUQUERQUE
Examinadora Externa (UNEMAT)

Prof^a. Dr^a MARIA THEREZA DE OLIVEIRA AZEVEDO
Examinadora Interna (ECCO/UFMT)

Prof. Dr. JOSÉ CARLOS LEITE
Orientador (ECCO/UFMT)

Cuiabá, 11 de JANEIRO de 2011

DEDICATÓRIA

A meu pai, minha mãe, meus irmãos, meus familiares, amigos e a meu orientador que muito contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor José Carlos Leite pela dedicação e empenho durante a orientação desta dissertação, tendo sido este um dos maiores incentivadores deste trabalho.

Aos Professores Raúl Madrid Ramirez pelo aceite na composição da banca examinadora de qualificação e que, infelizmente, não pode comparecer à defesa; às professoras Maria Thereza de Oliveira Azevedo e Judite Gonçalves de Albuquerque pelo amável aceite para compor a banca de defesa deste trabalho.

Ao Professor Ângelo Zanoni Ramos pela colaboração na elaboração deste trabalho; ao Professor Gilmar de Toni pelo incentivo e apoio literário e amigo na realização desta pesquisa e aos amigos Isaltino, Fernando, Rogerio, Suemar e Cleitom.

A Célia Bento, pessoa de coração bondoso e parceira.

À FAPEMAT, pelo apoio financeiro e a todos os professores do ECCO pela contribuição nesta jornada de estudos.

E a todos os que contribuíram direta e indiretamente para que este trabalho chegasse à fase final.

RESUMO

Procuramos, neste trabalho, relacionar a constituição social do município de Vila Bela, um território criado com a finalidade do controle da fronteira, tendo em vista a proteção da descoberta das minas de ouro, na Serra de São Vicente e o conceito de disciplina de Michel Foucault, apoiados na ideia de que toda constituição social parte de um princípio disciplinar, considerado um dos mais refinados mecanismos do biopoder/biopolítica para a ordem social, como afirma Deleuze, para o controle generalizado em tempos modernos. Este trabalho foi construído a partir de revisão bibliográfica e de entrevistas com moradores de Vila Bela, através das quais foi possível verificar que o espaço estudado é disciplinado pelo mecanismo de uma economia regida pela madeira, borracha e criação de gado bovino. e organizado em detrimento da criação de gado bovino,

Palavras-chave: Disciplina – Vila Bela – Controle territorial.

RÉSUMÉ

Nous cherchons, dans ce travail, de raconter la constitution sociale de la municipalité de Vila Bela, un territoire créé dans le processus de contrôle des frontières, afin de protéger la découverte de mines d'or dans la Serra de São Vicente et de le concept de discipline de Michel Foucault, soutenu l'idée que chaque formation sociale émerge d'un principe de discipline, qui est considéré comme l'un des meilleurs mécanismes de biopouvoir/biopolitique à l'ordre social, selon Deleuze, à un contrôle généralisé dans les temps modernes. Ce travail a été construit à partir d'une revue de la littérature et les questionnaires, où il a été possible vérifier que la zone d'étude est organisée au détriment de l'élevage, en montrant comment elle est organisée et disciplinée.

Mots-clés: Discipline - Bela Vila - contrôle territorial.

LISTA DE TABELAS

Tabela 2. C – População residente, sexo e situação do domicílio em Vila Bela..... 86

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura A – Projeto do Plano de Vila Bela da Santíssima Trindade.....	82
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura G – Forte do Príncipe da Beira.....	87
Figura H – Vila Bela da Santíssima Trindade.....	87
Figura H. 2 – Ruínas.....	88
Figura H. 3 – Ruínas.....	88

ÍNDICE

RESUMO.....	08
RÈSUMÉ.....	09
INTRODUÇÃO.....	15
METODOLOGIA.....	18

CAPITULO I

O CORPO COMO FERRAMENTA DO BIOCONTROLE

1. CONCEITUANDO A SOCIEDADE DISCIPLINAR	19
2. O PODER DISCIPLINAR	22
3. A DISCIPLINA ENCONTRA O CORPO	25
3.1. Individualidades do Sistema Disciplinar	33
4. VILA BELA: UM OLHAR PANORÁMICO.....	36

CAPÍTULO II

SUBTERFÚGIO DO CORPO E AÇÃO DO CONTROLE

1. SOCIEDADES: SOBERANA, DISCIPLINAR E DE CONTROLE.....	39
2. O PANÓPTICO E A AÇÃO DO CONTROLE EM VILA BELA.....	42
3. SEGURANÇA, SAÚDE E O ÁLCOOL NO VALE DO GUAPORÉ.....	49
4. CORPO SUBJETIVO EM VILA BELA.....	56

CAPITULO III

DIRETRIZES DO PODER CAPITAL

1. TERRITORIO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO..	59
2. TERRITÓRIO UM ESPAÇO NÔMADE.....	66

3. CARTOGRAFIA CAPITAL: UM ETERNO DEVIR DO CONTROLE CAPITAL...	67
4. ADEUS AO TERRITÓRIO.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ANEXOS.....	82

INTRODUÇÃO

Propomos neste trabalho efetuar uma análise descritivo-interpretativa do cotidiano vivido por remanescentes quilombolas, na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), detendo-nos em alguns aspectos de sua cultura, relativos à visão de mundo e do seu entorno, bem como dos nexos entre a visão e a vivência da condição social. E a partir de então, elaboramos uma análise de cunho filosófico na perspectiva da ideia de disciplinarização do espaço-tempo do povo deste lugar.

A partir da ideia de que todo o espaço é constituído por uma disciplinarização do corpo pela sua implantação nos “quadros vivos”, dos quais fala Foucault em “*Vigiar e Punir*”, acreditamos, a partir da análise dos mapas da cidade de Vila Bela (ver nos anexos, figuras p. 82), nosso local de pesquisa, ter sido este constituído pelo princípio panóptico, para uma melhor organização social, para assegurar a ordem e facilitar o comando dos capitães¹, em um espaço de fronteiras.

Da bibliografia de Michel Foucault que usamos aqui para abordar a temática desta investigação - o Biopoder - consta “*Vigiar e Punir*” e “*Microfísica do Poder*”. Tal bibliografia refere-se ao conceito de sociedade disciplinar, que ele constrói a partir da ideia do panóptico de Bentham, mostrando a forma como se constitui a sociedade ocidental contemporânea, a partir dos séculos XVII e XVIII. Com esse tema ele passa a trabalhar, na década de 1970, momento em que inicia suas pesquisas voltadas para as relações de poder.

Além da utilização de outros conceitos tais como: sociedade disciplinar, biopolítica, sociedade soberana, etc., elaborados por Foucault, faremos uso do conceito de “disciplina” como elemento norteador de nossa investigação, além dos conceitos de (des)territorialização, território (liso e estriado), entre outros, para o desenvolvimento da dissertação.

O material usado na revisão bibliográfica de nosso trabalho, de acordo com Negri (2007), no que se refere à historiografia foucaultiana, foi produzido na segunda fase das pesquisas de Foucault e está voltado para a pesquisa genealógica, pois nesta fase de sua produção, Foucault desenvolve conceitos como: disciplina, biopolítica, biopoder, soberania, relações de poder e de saber, entre outros.

¹ Capitães-generais da cidade de Vila Bela.

Inicialmente faremos uma abordagem conceitual sobre a disciplina, para, em seguida, verificarmos nosso problema e averiguarmos como o espaço de Vila Bela está disciplinado, nos apoiando nos conceitos de Deleuze e Guattari, de “espaço liso e estriado”, para entendermos como acontecem a configuração e a reconfiguração das forças de controle no espaço geográfico daquela cidade.

Para melhor compreensão de nosso trabalho, dividimo-lo em três capítulos os quais encontram desmembrados em subtítulos.

No primeiro capítulo intitulado: *O corpo como ferramenta do biocontrole*, abordamos a disciplina enquanto conceito em Michel Foucault, com a intenção de apresentar ao leitor sua aplicabilidade sobre os indivíduos no contexto social, tendo em vista que, a partir desta ideia de disciplina, Foucault demonstra como se dá a produção de indivíduos dóceis em nossa sociedade e, em seguida, mostramos que estamos saindo desta sociedade de disciplina e entrando em outra sociedade, que foi apontada por Deleuze como sociedade de controle. No último item deste capítulo (o de número quatro), fazemos uma incursão em nosso espaço de pesquisa, Vila Bela, com o objetivo de mostrar como está configurado este espaço disciplinado e controlado.

No segundo capítulo, intitulado *Subterfúgio do corpo e ação do controle* apresentamos, e diferenciamos, no item 1, a sociedade de soberania, a disciplinar e a de controle, e as ações do controle pela disciplina e a individualidade do corpo em seus respectivos períodos de controle. Nos itens dois e três adentramos propriamente em nosso *locus* de pesquisa, tratando de questões de segurança, saúde e consumo de bebidas na cidade, tendo como alvo o corpo, que é disciplinado para obedecer a regras e normas.

No terceiro capítulo intitulado *Diretrizes do poder capital* buscamos verificar se nossa hipótese inicial (da fase do projeto) se confirmava: ou seja, se, haveria mesmo um processo disciplinar instaurado em Vila Bela, já desde o momento de sua criação, no século XVIII. Tal processo baseia-se no princípio do panóptico, onde o espaço é esquadrihado com vistas à docilização dos corpos. Processo que se supõe ainda ocorrer nos dias atuais, com o controle efetivo do espaço que, por via da ação do capital, redundando em exclusão sócio-econômica dos menos favorecidos financeiramente. Para isso nos apoiamos nos conceitos de território, desterritorialização e reterritorialização, tomados de empréstimo de Deleuze, Guattari e Costa, cujas análises (por eles realizadas) ajudam a compreender como um controle efetivo e constante do indivíduo,

via disciplinarização e “controle a céu aberto”, se dá agora com os usos de novas tecnologias. Fato que parece ter-se se dado no espaço do Guaporé, nos últimos anos, quando sua população - especialmente a da área rural - passa da condição de nômade, com livre trânsito pelos rios e pelas áreas de caça e coleta, para a de sedentário. Tal população agora está confinada, seja em assentamentos rurais, em áreas ditas de “terras de quilombolas”, seja mesmo no interior das grandes empresas agropecuárias, como assalariados rurais.

Apresentamos nos anexos, imagens e ilustrações para o melhor entendimento de algumas noções que abordamos ao longo do texto. Sempre que necessário, indicamos, por meio de notas de rodapé, a figura e o número da página que correspondem à ilustração para que o leitor verifique.

Os autores referidos acima trabalham negando a noção de continuidade histórica, considerando a ideia de continuidade e de universalização cultural. Em outras palavras, este trabalho busca uma análise específica, particular da formação cultural do grupo que habita a área compreendida pelo município de Vila Bela, articulando com a ideia de problemas humanos afetivos formados pela diversidade e multiplicidade cultural que constitui o grupo referido.

Tais particularidades e especificidades serão articuladas filosoficamente, não com a ideia da verdade como abstração, única e universal, mas sim com a ideia de processos descontínuos, caracterizados pela alternância histórico-cotidiana.

Esta pesquisa moveu-se no sentido de procurar respostas a perguntas referentes aos assuntos propostos, introduzindo questões direcionadas aos remanescentes quilombolas entrevistados, de maneira a analisar as tendências, convergências e divergências do grupo com respeito à sua visão e vivência do espaço, da disciplinarização, do controle, buscamos investigar uma perspectiva hipotética.

Nosso trabalho encontra segmentado na seguinte perspectiva: foi feito um estudo do conceito de “disciplina”, formulado por Foucault, e pensado para uma Europa do século XVII e XVIII. Aqui propomos transpor este conceito e aplicá-lo à ocupação do Vale do Guaporé, desde a criação de Vila Bela, em 1743, até aos dias atuais.

Ao longo do texto, fomos utilizando os conceitos dos campos da Filosofia, História e Geografia, sempre buscando relacioná-los com a realidade de nosso espaço estudado: assim houve um esforço em aproximar os conceitos acima mencionados com

nosso objeto empírico, a cidade de Vila Bela, e mantivemos a estrutura do trabalho, em capítulos, da forma que melhor atendesse a este objetivo.

METODOLOGIA

Após estabelecer o objeto da pesquisa, que é verificar os processos disciplinares atuantes em Vila Bela, buscamos, através de pesquisa bibliográfica e aplicação de questionários, organizar e sistematizar conteúdos para a confecção deste trabalho.

Aproximando nosso espaço (Vila Bela) e nosso conceito (a disciplina), a fim de tecer uma investigação a partir de uma hipótese de disciplinarização na referida cidade, foram feitas leituras e fichamentos de obras escolhidas. Também elaboramos um questionário, dividindo-o em três conjuntos (como pode ser observado nos anexos), com o objetivo de filtrar as informações que coletamos, a partir de entrevistas, com remanescentes da cidade. As coletas das informações aconteceram desde a primeira visita ao local, em outubro de 2008, até julho de 2009.

Realizamos um total de sete entrevistas, com indivíduos de uma faixa etária que variou de 37 a 73 anos de vida, levando em consideração a escolha da faixa etária, o fator de conhecimento da cidade e envolvimento político na mesma. Foram contemplados seis homens e uma mulher, em nossos questionários, que tinham como afazeres: aposentados (na maioria foram trabalhadores na época da borracha, mineração e na coleta da poaia); agricultores, que lidam com a terra para a sobrevivência; autônomos; pessoas que estiveram, por muito tempo, envolvidos com a administração pública da cidade, e outras que ainda estão trabalhando em órgãos públicos e privados.

Ao fazer uso das entrevistas, no decorrer do trabalho, para não identificarmos as pessoas que nos cederam informações, foram criadas siglas para suas identificações, tais como: A; B; C; D; E; F; G. Em algumas entrevistas, como é discriminado no questionário (ver anexo seções B1, B2 e B3), tendo as seções um perfil, foram usadas duas ou as três seções, tendo em vista a vivência dos entrevistados e a riqueza das informações que eram dadas, mesmo em alguns momentos sem serem perguntadas, pois eram respondidas ao longo do diálogo.

Para referir às entrevistas mencionadas utilizamos o procedimento que segue: ENTREVISTADO A, B, C. etc., 2009.

CAPÍTULO I

O CORPO COMO FERRAMENTA DO BIOCONTROLE

1. CONCEITUANDO A SOCIEDADE DISCIPLINA

Fala-se tanto em poder disciplinar, técnicas disciplinares, controle disciplinar, mas o que podemos definir por disciplina? Foucault (2006, p. 181) afirma que “as disciplinas são o conjunto das minúsculas invenções técnicas que permitiram fazer crescer a extensão útil das multiplicidades, fazendo diminuir os inconvenientes do poder que, justamente para torná-las úteis, deve regê-las”. O sistema disciplinar começa a aparecer a partir do século XVII e se instala definitivamente no final do século XVIII com o objetivo de suprir uma série de necessidades daquele momento histórico, principalmente no que se refere ao problema das massas desorientadas, pois os indivíduos que se agregavam nas cidades, com o advento da burguesia, precisavam de um controle mais eficaz, rápido e sutil, e a disciplina surge com o papel de diminuir as preocupações que o poder tinha em relação ao tempo, espaço, economia, política etc. Essas ações seriam mais rápidas com um corpo social domesticado, com seus atos e ações educadas para uma atividade corpórea na oficina, na escola, no quartel, no hospital, na prisão, no hospital psiquiátrico, etc., enfim, uma preocupação biopolítica, de esquadramento social, de uma localização do indivíduo no espaço sem prejuízos para o poder, ou com o mínimo possível de prejuízo.

O indivíduo, enquanto faz parte do corpo social de uma comunidade, é uma preocupação para o Estado, como sinaliza Foucault (2006, p. 120): “a disciplina é um conjunto de técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem certo modo de investimento político desde o século XVII, de ganhar campos cada vez mais vastos, como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro”. Este corpo se torna alvo da biopolítica, pela repartição e locação deste corpo no espaço geográfico, precisando ser minuciosas as técnicas de disciplinarização para que,

sutilmente e de forma dócil, os corpos fossem alocados de maneira útil nas instituições que surgem naquele momento.

É complexa a relação de uma docilização do corpo, quando se trata dos conceitos de biopoder e biopolítica de Michel Foucault, pois a partir de tais conceitos entende-se como se configuram mecanismos de controle para capturar o indivíduo no meio social e fazer deste um elemento detentor/transmissor de poder.

A disciplina data do século XVII, e surge nas escolas, hospitais, fábricas, casernas, resultando na docilização e disciplinarização do corpo. Baseada no adestramento do corpo, na otimização de suas forças, na sua integração em sistemas de controle, as disciplinas o concebem como uma máquina (o corpo-máquina), sujeito assim a uma anátomo-política (PELBART, 2003, p. 57).

Como necessitava de um espaço para atuar, a disciplina surge nas instituições e se mantém inicialmente nesses espaços físicos fechados, agrupando os indivíduos em “quadros vivos”, ou seja, cada um em sua cela, em seu quarto, sempre dividido por partições, paredes, etc., para tornar possível a docilização corporal. A disciplina passa a usar destes espaços produzindo um poder que, por sua vez, gera um saber. Conforme o texto de Pelbart citado acima, podemos entender a anátomo-política como um corpo máquina, objeto sujeito às ações do sistema disciplinar e podemos usar de analogia e descrever que esta força que age na anatomia, no corpo, é o que Foucault chama de biopoder, pois esta força faz uso da vida do indivíduo para tornar seu corpo dócil e poder integrá-lo na sociedade.

O que Pelbart sinaliza como controle máquina e controle político é o que Foucault chama de biopolítica, quando este corpo, este indivíduo é posto em sociedade após ser treinado, qualificado e classificado a partir das suas individualidades que as minúcias disciplinares extrairão dele, quer seja, a docilidade-utilidade. Usa-se desta máquina, um corpo dócil, para torná-lo útil nas atividades em sociedade, formando um indivíduo apto fisicamente, moral e intelectualmente educado.

Por uma forma de redução das preocupações do poder com a massa, Foucault (2006, p. 181) aponta que a disciplina passa a dominar todas as forças que se formam a partir da própria constituição de uma multiplicidade organizada, para neutralizar os efeitos do contrapoder que dela nascem e que formam resistência ao poder que quer dominá-la, controlando todas as agitações, revoltas, organizações espontâneas, conluios etc. Tendo como alvo o corpo humano e a preocupação de extrair o máximo de sua

energia, a disciplina tende a anular todas as ações que tenham a intenção ou as ações que projetam a intervenção do poder, agrupando, repartindo e alocando todos os indivíduos que produzam qualquer tipo de desordem social como: vagabundos, loucos, mendigos, criminosos, prostitutas, revoltosos, etc. Este corpo agora torna-se útil e controlado pelas novas técnicas do poder. Temos aí as disciplinas como:

técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas... qualquer sistema de poder se coloca ao mesmo problema. Mas o que é próprio das disciplinas, é que elas tentam definir em relação às multiplicidades uma tática de poder que responde a três critérios: tornar o exercício do poder o menos custoso possível... fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu Máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento “econômico” do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce... (FOUCAULT, 2006, pp. 179-180).

O controle pela disciplinarização caminha com um conjunto de critérios que estão sempre à frente de suas ações. A princípio, adentra no corpo para torná-lo dócil, para minimizar os custos; ou seja, o montante que era investido para a utilidade de tal indivíduo a determinada função. A aplicação das técnicas disciplinares faz com que este poder, esta força, este tempo aplicado ao corpo, estenda o máximo possível, uma vez que, se falhar, terá que retornar ao nível inicial e começar todo um processo de disciplinarização do corpo para sua utilidade, e isso é que se torna muito dispendioso. Por exemplo, nos quartéis, um corpo é docilizado para ser obediente a seus superiores e útil tanto à segurança local quanto à serventia nos campos de batalha, no caso de uma guerra. Aí temos a utilidade deste corpo dócil, em níveis de extensão satisfatória, pois este transita da obediência com seus superiores até a aplicação de suas técnicas em combate.

Da união de uma economia do uso do corpo, em energia, espaço, tempo etc., com a extensão da ação de poder sem desperdícios, têm-se a utilização dos espaços e das forças que exercem sobre os corpos um resultado satisfatório, pois assim se terá uma gama de indivíduos dóceis que responderão com uma utilidade eficiente, confirmando a eficácia das técnicas disciplinares.

2. O PODER DISCIPLINAR

A disciplina nasce para um bom domínio e controle do corpo; é uma arte que age em função deste para determinada finalidade e, conforme suas aplicações no corpo, podemos indicar suas ações, não como princípio de docilização, mas de organização, quando se tem a origem das trocas de mercadoria; até mesmo da vivência em bandos, em tribos, em conjunto, pois se precisa de organização destes indivíduos no espaço que ocupa.

A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. A constituição de “quadros” foi um dos grandes problemas da tecnologia científica, política e econômica do século XVIII; arrumar jardins de plantas e de animais, e construir ao mesmo tempo classificações racionais dos seres vivos; observar, controlar, regularizar a circulação das mercadorias e da moeda e estabelecer assim um quadro econômico que possa valer como princípio de enriquecimento; inspecionar os homens, constatar sua presença e sua ausência, e constituir um registro geral e permanente das forças armadas (FOUCAULT, 2006, pp. 126-127).

O processo de (re) organização de todo um sistema social com a ascensão de um poder que agora permite punições mais brandas e intensivas, se dá através do poder disciplinar, que objetiva a ordem dos “quadros vivos” e age para ter corpos que reajam à necessidade econômica com muito mais rapidez.

Temos um bom exemplo de como o poder vai estruturando o saber, paralelamente ao que Foucault classifica como ciências humanas. Começa a ser necessária uma classificação, como se fosse um pequeno mercado com apenas uma prateleira de produtos e, ao ampliar os negócios, o proprietário acrescenta dez prateleiras, logo torna indispensável ter mais funcionários e de tomar nota das mercadorias que chegam e qual prateleira determinado produto vai ocupar. Nesse caso, há uma constante anotação, um constante fluxo de mercadorias; assim acontecia com os “quadros vivos” do século XVIII, uma atividade de anotações, que gera uma classificação para uma possível qualificação, tendo assim uma organização nos espaços institucionais.

A preocupação do sistema que faz manter a ordem pelo poder, ao entrar no século XVIII, com o auge da revolução técnico-científica, vê a necessidade de pleitear um controle mais refinado sobre as massas, de forma que os caminhos de fuga estivessem também situados por mecanismos que capturassem o indivíduo que ousasse escapar do controle. Nesta época o capitalismo dá seus primeiros passos, com a luta interna de territórios entre a Igreja, Estado e a burguesia feudal.

Com a chegada da revolução industrial, os indivíduos se agrupam no que podemos denominar “cidades das máquinas”², onde irão produzir manufaturas e, a partir daí, se faz necessário um controle mais efetivo e de forma gradual para com a força produtiva; precisa-se de um indivíduo saudável, educado, útil e obediente nas fábricas.

Desde a perspectiva de disciplinarização do corpo, quando se tem a necessidade de organização dos corpos no espaço, até os tempos modernos, temos toda centralização da força no indivíduo, pois conforme Foucault:

O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a “disciplina”. Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (FOUCAULT, 2006, p. 161).

O poder, em suas relações, nos mostrará por trás deste corpo útil, uma série de mecanismos que ferem a liberdade individual, impede muitos desejos de ações que muitos indivíduos deliberariam contra o poder. No momento em que as técnicas disciplinares tomam conta das ações individuais de um corpo, ela produz um saber pelas mensurações da capacidade que cada indivíduo possui.

O indivíduo pode estar em todo lugar onde desejar, mas as tecnologias do poder irão capturá-lo. Também não devemos esquecer de que o sistema de controle aplicado ao indivíduo, a princípio irá gerar um saber mais refinado e sistemático, que se dá na sociedade disciplinar pelo constante uso das anotações que, em cada espaço, terá seu responsável para tal. Nas escolas o professor fará o trabalho de anotar o que se passa em sala com as ações e reações de seus alunos em sala de aula, a partir daí, emergirá um

² Termo que designo como metafórico para indicar o início da industrialização, quando se tinha as grandes fábricas formando um centro, um aglomerado e os alojamentos dos trabalhadores no entorno.

saber que transforma as massas, pois através dos alunos tem-se uma configuração social que passa a integrar também suas famílias.

As forças disciplinares agem com tal sutileza que:

O comportamento e suas exigências orgânicas vão pouco a pouco substituir a simples física do movimento. O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e “celular”, mas também natural e “orgânica” (FOUCAULT, 2006, p. 132).

Um corpo, ao ser incorporado pelas técnicas disciplinares, passa a cada instante por uma seqüência de exercícios para tornar o corpo dócil e útil, este vai gradualmente incorporando as técnicas de que sua atividade futura terá necessidade. Por exemplo, na escola, uma criança é constantemente testada em relação a seus conhecimentos, fator que irá lhe adiantar ou atrasar nas séries, isto vai tornar tão rotineiro que o indivíduo irá incorporar sem receios estas técnicas disciplinares. Tomando o mesmo caso como exemplo, um aluno bem disciplinado, se faz através de procedimentos disciplinares rotineiros, individualizados. Ao final, se tem uma classe, ou o conjunto de alunos de uma sala disciplinada. A ação disciplinar é individual e individualizante. Temos assim, uma ação celular, que age no corpo do indivíduo em sua individualidade, para uma passagem orgânica, quando este estiver relacionado com o restante da sala, na integração.

Esta nova força de controle disciplinar

é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes (FOUCAULT, 2006, p. 143).

A disciplina, como arte de tornar mais útil a força produtiva do indivíduo, faz crescer a habilidade de cada um, coordena essas habilidades, acelera os movimentos, multiplica a potência de fogo, alarga as frentes de ataque sem lhes diminuir o vigor, aumenta as capacidades de resistência, etc. (FOUCAULT, 2006, p. 173).

3. A DISCIPLINA ENCONTRA O CORPO

A “disciplina” não pode ser identificada com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia (FOUCAULT, 2006, p.173).

Foucault (2006, p. 143) acentua que a disciplina “adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais, pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios.

Quando o sistema disciplinar adentra no conjunto social, tem o poder de organizar toda uma massa de corpos confusos e sem direção, em “quadros vivos”, em unidades primeiramente individuais para uma educação corporal e, em seguida, este corpo adestrado é testado em um ambiente orgânico que terá efeitos combinatórios. Podemos ter como exemplo a atividade militar. Nele treina-se o indivíduo em unidades (fileiras) com os comandos (apitos e sons) e, em seguida, este é incorporado ao batalhão e são feitos todos os comandos que são respondidos no mesmo momento (cito o exercício de marchar). Analisando as relações de poder, a disciplina é o mecanismo que desponta como o melhor e mais eficaz entre as diversas formas de capturar o indivíduo em meio à massa social.

Sendo independente das épocas históricas, a disciplina marca o corpo agindo em suas individualidades, e assim o fará permanecer em estado de eficácia permanente. Esta permanência, no poder soberano, dar-se-ia pelo medo do outro, fazendo uso do suplício como ato instigador da obediência; na sociedade disciplinar, teremos vários mecanismos para moldar, criar e dar permanência a tal resultado deste mecanismo, sendo um dos mais notáveis o sistema panóptico.

Se tomarmos a disciplina como um processo ou um conjunto de técnicas que instrui, delimita e multiplica, este processo ou conjunto de técnicas é mais antigo do que

imaginamos, ela nasce quando surge o desejo de viver em conjunto, ou até mesmo em solidão. Mas o tipo de disciplina da qual falamos aqui nasce nos séculos XVII e XVIII e ela se faz presente por uma ação que terá como finalidade demarcar ações diárias e até deslocamentos de territórios; este conceito que será discutido posteriormente.

A disciplina, considerando sua ação e efeito, para todos os reflexos, vai agir primeiramente no corpo, seu objeto de disciplinarização e controle, que constitui um poder, pelas formas de anotações por parte dos que ficam encarregados para tal, no caso do hospital, o médico; no exército os oficiais e outras patentes e, concomitantemente, estas anotações constituirão um tipo de saber. Foucault (2006, p. 118-119) afirma que a objetividade da disciplina é fabricar corpos submissos e exercitados, corpos dóceis, um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado, para a boa efetividade à qual se destina este corpo, antes moldado pelo poder soberano, agora fabricado pela sociedade disciplinar.

Falar da disciplina é ter claro o que se estabelece por poder, pois a disciplina está diretamente ligada ao que se instaura de mais sofisticado, a partir do século XVII, para capturar o indivíduo enquanto corpo; corpo dotado de uma potencialidade que pode ser domesticada, utilizada e reutilizada. Não cabe mais aqui, uma punição nos moldes do sistema soberano, que era severo, castigando o corpo, com martírios em exposições em praça pública.

A disciplina não passa aqui a ser um sistema menos severo do ponto de vista do indivíduo, que será incorporado pelo poder dela em si, mas será vista por um olhar diferente, pois ela irá agir de forma sutil, tanto que, aos poucos, no século XVIII, o sistema de punição pelo martírio vai se extinguindo e dando lugar a uma punição mais branda e não menos notória, pois eis que nasce a punição moral, através das diversas técnicas de poder (de espaço e tempo), instaurando o biopoder³ pelos meios sociais, fazendo nascer a arte de deixar viver, pelas massas que precisavam de um controle efetivo, uma vez que não se tinha mais um castigo punindo o corpo, agora este corpo é alvo do poder, não como inimigo que deve ser eliminado, e sim como força aliada, que deve ser agregado.

Deleuze, em sua leitura sobre Foucault, nos aponta que:

³ Entendemos aqui o conceito de biopoder como o fazer viver ao invés de deixar morrer, controlando a vida por mecanismos disciplinares.

o poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma “relação de poder”... a força nunca é singular... toda força já é relação, isto é, poder: a força não tem objeto nem sujeito a não ser a força... “é uma ação sobre a ação, sobre as ações eventuais, ou atuais, futuras ou presentes” (DELEUZE, 2006, p. 78).

Note-se que é ambíguo observar o poder apenas como uma relação de forças, ainda mais investigando os biopoderes⁴ que se instauram na sociedade, especificamente, observar a disciplina como mecanismo do poder em um território, uma vez que o sistema disciplinar não age como na sociedade de controle, em todos os espaços em âmbito virtual; tratamos aqui a disciplina na sociedade disciplinar, que necessitará de espaços, de cercas, de prédios, etc., para agir e fazer efeito. O poder escoa por entre as ações individuais e coletivas, os corpos a serem docilizados não são passíveis de mensuração, escapam a todo momento dos seus pares, saber e poder, que atuam em todos os espaços pelas ações dos corpos, fazendo uso do indivíduo.

Ao perceber uma nova onda que surge (aglomeramentos, badernas, desorganização social etc.), no século XVIII, a disciplina surge como uma mecânica que vai educar os corpos, adestrando seus movimentos para uma boa resposta quando este for inserido em um espaço, onde cada indivíduo será distribuído e alocado de acordo com as necessidades de uma função, ou seja, dentro de uma instituição. Mas nem sempre a disciplina foi vista como um instrumento que tivesse o interesse em conquistar o controle minucioso do corpo, caso notável na época do poder soberano, mas:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam (FOUCAULT, 2006, p.117).

As relações de poder, a partir da intencionalidade de se ter como ferramenta de trabalho as ações do corpo em demandas e não mais como nômades, ou seja, força bruta sem espaço definido de ação, emergem de manufaturas de produção para a subsistência e, principalmente, para controlar os movimentos insatisfeitos dos que ousavam contestar

⁴ Assistir ao Filme: **O Jardineiro Fiel**. Título original: *The Constant Gardener*. Direção de Fernando Meireles: Focus Features, 2005. Este filme retrata a ação do biopoder, a manipulação da vida pelo interesse de poucos, bem como os mecanismos de controle que o poder exerce para suas ações. O filme retrata os diversos mecanismos de atuação de que o poder se apropria para a constante captura da vida.

o poder soberano⁵; a disciplina surge como elemento que integra a ordem de um conjunto social e atua não mais primeiramente como ação física e sim como ação moral com a efetivação desta nova modalidade disciplinar, o poder obtém uma infinidade de benefícios, a começar pelo bom comportamento dos indivíduos, em seus corpos docilizados.

É muito importante apontar a distinção entre soberano e poder soberano: o poder soberano foi aquele instituído, onde se fazia a obediência efetiva pela martirização do corpo, utilizando dos suplícios em praça pública, servindo estes julgamentos como exemplo para os demais indivíduos sociais. Em contrapartida, o soberano pode ser descrito como uma figura, um cargo a ser ocupado,

Foucault (2006, p. 118) observa que as disciplinas tornaram-se, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, fórmulas gerais de dominação, quando se percebe a importância que os movimentos do corpo dócil podem gerar enquanto lucro; este marco pode ser descrito como inicial nos acampamentos militares que, em seguida, vai adentrar nas fábricas e, subsequentemente, nas escolas, nos conventos, nos hospitais, enfim em todos os espaços sociais. O sistema disciplinar precisa ser muito minucioso em suas ações; logo, o controle, em primeiro lugar, trata de trabalhar o corpo detalhadamente, de mantê-lo ao nível da mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez, o corpo deve ser treinado em suas minúcias para incorporar o conjunto⁶, para estar apto a responder aos comandos das instituições.

A disciplina já atuava muito antes do século XVII, período em que se instaura efetivamente como mecânica para extrair o máximo de energia do corpo, podendo ser vista nos conventos, escolas etc. A diferença aqui é que esta nova modalidade de se apoderar do corpo tem o objetivo de não puni-lo fisicamente, mas sim docilizá-lo para utilizá-lo com um nível de aproveitamento maior, não só de tempo, mas também de uma melhor utilidade deste no meio social.

O suplício na sociedade de soberania tinha suas aplicações mais utilizadas como ação repressora, que surge como técnica aplicada ao corpo, alvo da repressão penal e torna um espetáculo, ação que tinha o objetivo de servir como exemplo para os

⁵ É salutar identificar que a disciplina, como nos aponta Foucault, só nasce com a ascensão da burguesia, mas neste contexto identificamos disciplina como deixar morrer ao invés de fazer viver.

⁶ Entendemos conjunto como o todo, o complexo movimento de corpos antes dispersos, agora integrados pela força disciplinar que, bem educados e docilizados, fazem com que a máquina humana, o mundo, caminhe menos manco.

demais indivíduos na sociedade; no final do século XVIII é extinta a punição física, o espetáculo do corpo martirizado, condenado a padecer em praça pública. Após passar do controle soberano para a sociedade disciplinar, a disciplina permeia uma órbita de mais apropriação do corpo, pois agora começa a refinar este domínio. Não só marcando um tempo cronológico, a nova modalidade de controle (Sociedade Disciplinar) surge em uma época onde:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que, no mesmo mecanismo, o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente (FOUCAULT, 2006, p. 119).

É como se as técnicas disciplinares surgissem em um momento oportuno, pois vão ao encontro do corpo e incorporam-se a ele, dando-lhe vida e lhe tomando a vida com movimentos sutis de dominação, tornando-o cada vez mais sutil. Uma das mais eficazes técnicas de docilização disciplinar é o exercício, sendo este mecanismo de controle ativo, assim como outros elementos disciplinares, dentro dos sistemas do poder, pois ele permite que, a todo o instante, o indivíduo seja aperfeiçoado e testado nas suas capacidades e habilidades individuais para serem aplicadas em todos os seus movimentos, enquanto um organismo celular ou orgânico: celular, em sua individualidade; orgânico, nos “quadros vivos”.

No poder soberano requeria-se uma agilidade maior para os embates físicos e a locomoção em maior rapidez e sutileza. Já na sociedade disciplinar, a disciplina torna-se elemento de sucesso, ela vai permear o indivíduo não mais apenas para que ele seja hábil, mas também para educar os atos e ações, com o propósito maior, de tornar o corpo mais eficiente, em se tratando da tomada de comando antes técnico-mecânico, e agora passa para um momento mais sutil no tratamento, tendo maior utilidade em todos os segmentos, sendo seu marco de eficácia a mensuração do tempo. Agora temos uma ação técnico-dócil, por se tratar do uso disciplinado dos mecanismos de controle, para um corpo que responda mais eficaz aos comandos, por uma economia sócio-político-econômica.

Tendo o corpo como alvo do controle, o que rege em seguida é o mapeamento do indivíduo no espaço, para em seguida poder organizá-lo e aloca-lo em um lugar, um espaço medido e temporizado na medida em que for sendo ocupado:

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir (FOUCAULT, 2006, p. 122-123).

A ação disciplinar tende a redefinir o indivíduo no espaço, em um determinado lugar, cada um de acordo com a necessidade das atividades, por exemplo, em uma fábrica, nenhum posto de trabalho deve estar vago, assim como nenhum indivíduo deve estar com seu tempo ocioso. Desta forma, evitar-se-á os aglomeramentos, princípio de revoltas e, portanto, deve-se manter, em horário de trabalho, de ocupação, a menor dispersão possível de atenção dos indivíduos, fazendo com que as pessoas não fiquem por muito tempo em conjunto, assim o espaço disciplinado tende a se estender por onde for necessário.

O poder disciplinar, para Foucault, se institui nos espaços, mas principalmente em ações, em forças, em relações entre as pessoas, e assim a “disciplina”, sendo um mecanismo de controle, apesar de se instaurar em alguns casos em instituições,

não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma “física” ou uma “anatomia” do poder, uma tecnologia (FOUCAULT, 2006, p. 177).

Sendo um sistema que compõe um conjunto de outras técnicas para a docilização do corpo, a disciplina transita nos espaços, exercendo forças através de suas diversas técnicas de controle. Podemos citar como exemplo, um dos procedimentos da disciplina, o enfileiramento dos soldados no quartel. Nota-se que, o poder não é instituído, é permitido, vejamos: em um pelotão militar se todos resolvessem sair das fileiras e irem para suas casas, o comandante em exercício perderia o controle sobre o pelotão em questão, seu poder seria destituído, como alguém que perde o cargo. Se os soldados tomam esta atitude, o poder disciplinar irá de forma sutil agir sobre, pois para este tipo de ação, tem a reação que vem não em forma de punição físico-martirizada e sim físico-moral, pois estes podem ficar detidos por algum tempo, podem perder alguns benefícios perante o quartel, enfim, há uma infinidade de mecanismos para coibir ações desta natureza.

Para que o poder seja aceito sem que as massas fiquem confusas, agitadas, a disciplina deve ser minuciosamente aplicada a cada indivíduo, em sua individualidade e depois em sua pluralidade, ou seja, nas massas. Na inserção social, tendo como exemplo um prisioneiro que, quando retorna à sociedade, tem que estar se apresentando à delegacia, outros não podem sair da cidade sem autorização etc., são avisos de que o poder disciplinar está lhe observando o tempo todo, o controle é constante.

Se o poder é relação de forças, não há, portanto, um ponto de onde ele emana; um ponto transmissor desta força, este é descrito por Foucault (1986, p. 183-184) como sendo o indivíduo que não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constitui. O corpo se torna um espaço vazio⁷, que é preenchido quando a força chega a seu redor, para a transmissão de poder.

Nesta nova ordem do controle, o corpo é visualizado como força em potência, ou seja, como ser útil e dócil:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operam como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 2006, p. 119).

O indivíduo é tomado, no sistema disciplinar, por uma força que antes de tudo vai lhe tornar dócil, para em seguida encaminhá-lo para onde houver necessidade de um corpo obediente, o poder disciplinar passa a organizar indivíduos em uma massa, para lhe tirar a ação e lhe atribuir novas ações com finalidades objetivas, pois, ao aplicar a mecânica disciplinar em uma massa deve-se estar atento para suas finalidades, tendo em vista que Foucault (2006, p. 131) assinala a proibição da desorganização dos espaços para não perder “um tempo que é contado por Deus e pago pelos homens; o horário devia conjurar o perigo de desperdiçar tempo – erro moral e desonestidade econômica”. As ações custam tempo e dinheiro para se ter um resultado negativo após a aplicação das técnicas disciplinares.

⁷ Entendemos corpo vazio como um corpo em que a relação de poder não o fez ação, ainda não o atingiu.

Quando surge a percepção da utilização do corpo como força produtiva constante, a “disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente” (Foucault, 2006, p. 138). Agora temos o uso das técnicas disciplinares para explorar a mais íntima força do indivíduo, compondo-a em seguida ao conjunto, que formará uma corrente de poder. A relação do poder disciplinar é diferente da relação de soberania, pois esta última,

quer no sentido amplo quer no restrito, recobria a totalidade do corpo social. Com efeito, o modo como o poder era exercido podia ser transcrito, ao menos no essencial, nos termos da relação soberano-súdito. Mas, no século XVII e XVIII, ocorre um fenômeno importante: o aparecimento, ou melhor, a invenção de uma nova mecânica do poder, com procedimentos específicos, instrumentos totalmente novos e aparelhos bastante diferentes, o que é absolutamente incompatível com as relações de soberania (FOUCAULT, 1986, p.187).

O poder soberano agia pela força para obter respeito, gerado pelo medo e tinha-se, neste período, uma forma de se ver de onde emanava o poder. No século XVII, aparece a nova ação de controle, com uma “física do poder” mais delineada e esclarecida, que age e toma o corpo como agente produtivo, um biopoder que instaura o controle pelas técnicas disciplinares, que irá tornar dócil e por vezes mais útil o indivíduo, antes alvo do poder soberano, agora mais útil e dócil, um agente da biopolítica.

Foucault (2006, p. 127) mostra que os “quadros vivos”, no século XVIII, são uma técnica de poder e um processo de saber. Acontecimento curioso pois, ao entrar neste século, esta nova arte de controle tinha como uma de suas minúcias as anotações, como por exemplo, nos hospitais, o médico passa a produzir uma ficha de cada indivíduo, na qual consta desde seus dados de identificação até suas ações mais íntimas, como informações sobre suas relações sexuais. Esta ação gerencialmente produzirá um saber, pois teremos um arquivo que identificará e distinguirá este indivíduo em uma massa para poder organizá-lo, mensurá-lo enfim, enquadrá-lo em qualquer classificação possível. Com isso, ao passo que o médico tinha esta configuração do saber pelas anotações, formam-se os arquivos individuais, detendo um poder sobre este indivíduo; assim, os médicos podem ter um mapeamento dele enquanto ser integrante de um conjunto social.

3.1. Individualidades Do Sistema Disciplinar

Para o desenvolvimento da sociedade disciplinar da qual fala Foucault foram necessárias três técnicas essenciais: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame, sendo este último o mais importante, pois surgirá da combinação do olhar hierárquico e da sanção normalizadora. Estas são tecnologias que assegurarão o sucesso do poder disciplinar; mesmo sendo técnicas simples, são sutis e muito eficazes.

A vigilância hierárquica tem o papel de dar visibilidade geral sobre os indivíduos em todos os seus espaços, e este ato se efetiva de tal forma que, como assinala Foucault (2006, 123), “cada indivíduo deve estar em seu lugar; e em cada lugar, deve haver um indivíduo”, ou seja, não é permitido sob qualquer hipótese, o abandono de seu posto, no caso do trabalho da fábrica, por um pequeno espaço de tempo sequer, pelo fato de que a atenção de todos deve estar focada na atividade que cada um está desenvolvendo.

A disciplina, para ter todo um aparato de controle sobre o corpo do indivíduo, precisa organizar um espaço analítico (Foucault, 2006, 123) onde faz o reconhecimento do corpo para poder dominá-lo, para utilizá-lo. E se pensar dentro de seu espaço de trabalho, o olhar deve passar por cada indivíduo em particular, para poder medir sua capacidade, seu comprometimento e toda uma série de ações que pode prejudicar seu rendimento e o dos demais.

A vigilância, além de ser um elemento que controla a produção da força do corpo, é uma parte integrante que é fundamental para a disciplina, sendo assim, ela é moderadora da economia. Dentro da disciplina tudo é minimamente calculado para que todo o conjunto de técnicas dê como resultado a força, que é denominada de poder. Assim como a vigilância, a punição, que vem para normalizar o espaço, tem um valor considerável, pois o ato de aplicar o castigo está fazendo com que os corpos melhorem seu desempenho.

A sanção normalizadora torna-se punição do indivíduo que tenta escapar do olhar atento do vigia no sistema disciplinar, ou seja, para Foucault, na disciplina tudo se

pune, em qualquer instituição, pois todas elas funcionam como um pequeno tribunal. Com isso, se admitirmos que a disciplina tem como foco o corpo e seu adestramento para sua melhor utilização, temos que admitir, conforme Foucault, que “a disciplina ‘fabrica’ indivíduos” (FOUCAULT, 2006, 143), e o melhor meio de comprovar este ato é a aplicação do exame, que é peça fundamental para o bom funcionamento da disciplina, seguido da sanção normalizadora e do olhar hierárquico.

Este elemento da disciplina, o exame, surge da combinação da hierarquia, que tem o compromisso de vigiar, e da sanção que atua com a força da normalização, que se ramifica em uma série de regras para com o indivíduo: qualifica, classifica e pune. O exame possibilita, controlar em muitos aspectos o corpo, e dá a brecha do conhecimento através de sua aplicação. O indivíduo, sob efeito do exame, é objeto do poder e do saber, pelo arquivo de suas individualidades que é produzido através das anotações e da escrita.

Podemos fazer uma delimitação da vigilância e afirmar que temos a disciplina como um sistema integrado, onde o poder funciona como uma máquina com engrenagens bem concatenadas, tendo em vista que ela está em toda parte. A vigilância atua sobre o corpo como um mecanismo que age sob leis da ótica e da mecânica, e que uma pessoa administra, por um olhar atento, todo o conjunto de indivíduos.

Já o exame é um dos mecanismos mais importantes do controle disciplinar, pois para Foucault (2006, p. 154) este é um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir, além de estabelecer sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados, dentro de um poder de vigilância constante. A disciplina organiza o espaço em que atua, tornando a sociedade disciplinar uma ação com aplicação “do exame interminável e da objetivação limitadora” (FOUCAULT, 2006, p. 157). O indivíduo é constantemente capturado pelo poder disciplinar, sempre dentro de uma nova órbita disciplinar, que terá seu objetivo sempre bem definido e limitado, como por exemplo: treina-se um soldado para a finalidade da guerra, seu treinamento deve ser constante, mas sua finalidade é uma só, a utilidade para o combate.

Assim, podemos dizer que o exame é notável pelo fato de, a partir dele, ter-se um panorama da capacidade individual de um corpo, podendo extrair um poder do qual objetivamente emergirá um saber, um controle, que tem como finalidade ser infalível. A partir da utilização das técnicas como: vigilância, sanção e exame, o sistema disciplinar

irá produzir o que Foucault chama de individualidades dentro dos “quadros vivos”, que pode ser vista também como individualidades produzidas a partir dos corpos. Temos, segundo Foucault (2006, p. 141), o *status* individual: celular (pelo jogo da repartição espacial), orgânica (pela codificação das atividades), genética (pela acumulação do tempo) e combinatória (pela composição das forças).

A disciplina celular tem o objetivo de delimitar o ato espacial e aí podemos arriscar um domínio geográfico; ela é orgânica quando se articula com o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos no processo disciplinar. Já a disciplina genética está diretamente ligada ao fator tempo cronológico, destinado ao envolvimento do corpo em suas atividades e, por fim, combinatória que, por dentro de toda maquinação das três partes antecessoras, funciona como integração das forças abstraídas dos corpos.

Foucault (2006, p. 127) mostra que a tática disciplinar é a condição primeira para o controle e o uso de um conjunto de elementos distintos, o que fornece a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar “celular”. Aqui temos o elemento chave da tática disciplinar: a arte da repartição dos corpos, a divisão dos indivíduos em um espaço que não os deixe tão distantes da ordem (olhar hierárquico) nem muito perto da desordem (revoluções e desobediências).

Com a produção e uso destas individualidades, eis que surge o tempo como elemento marcante para o adestramento dos corpos; este deve “penetrar o corpo, e com ele todos os controles minuciosos do poder” (FOUCAULT, 2006, p. 129) devem ser integrados ao indivíduo, assim como suas necessidades básicas (ex. respiração). O tempo de cada ação individual deve ser puro, medido e qualificado, deve evitar dispersão e aglomerações constantes, o olhar do poder deve estar sempre atento.

As minúcias das técnicas sutis do poder disciplinar possuem um discurso que, para Foucault (1986, p. 189), são criadoras de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento. São extraordinariamente inventivas ao nível de produção de saber e conhecimento. É ímpar a importância do sistema disciplinar na aurora do século XVIII, como a arte de tornar um corpo dócil e extrair dele o maior grau de energia no menor tempo possível, assim tem uma categoria de saber, ou seja, uma produção de conhecimento que resultará em outra categoria, a de poder, nas relações de força.

A partir do próximo capítulo deste trabalho, apontamos o conceito de disciplina por uma via de controle em um determinado território, verificando os mecanismos do controle para a efetivação da docilização dos indivíduos; no Vale do Guaporé, o processo disciplinar contribuiu e continua a contribuir para a construção e permanência do poder em Vila Bela.

4. VILA BELA: UM OLHAR PANORÂMICO

Vila Bela da Santíssima Trindade, fundada em 1752 (Amado e Anzai, 2006, p. 51), fica a 540 km de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso. A escolha da região do Guaporé para a constituição da cidade de Vila Bela deu-se por intenções políticas e econômicas. Políticas, com a finalidade de demarcação de território e sua disputa com os espanhóis, lembrando que a coroa portuguesa não respeitou as demarcações do tratado de Tordesilhas, o que implicou na estratégia econômica marcada, à primeira vista, pelas bandeiras em busca de nativos para o comércio, uma vez que haviam encontrado nas margens do rio Coxipó, lavras de ouro, onde demarcaram a criação do arraial da Forquilha, nas proximidades de Cuiabá, a cerca de 20 km que, após algum tempo, se tornaria a cidade de Cuiabá.

Após as descobertas do arraial da Forquilha houve mais investimentos nas bandeiras, fato que contribuiu para a descoberta de outras regiões, entre elas, o Vale do Guaporé, sendo uma dessas regiões a Vila de São Vicente [minas de ouro], nos arredores de Vila Bela, onde se formou a cidade, com a descoberta das minas.

[D. Antônio Rolim de Moura, em meados de janeiro de 1752]... por ser à beira do rio, e dar início de que este alagaria a vargem do terreno mais vizinho, se esperou todo o mês de fevereiro. Entrando março, como se viu que o rio, com sua enchente, não vencia o barranco, se puseram os editais para se convocar o povo ao levantamento da vila, lavrado já para essa função o pelourinho (AMADO e ANZAI, 2006, p. 51).

Os indícios de uma cidade pré-determinada por um dos mecanismos do biopoder/biopolítica mais notáveis, a disciplina, é elementar quando se faz saber a fixação dos editais para a constituição da nova cidade da capitania do Mato Grosso, para efeitos políticos e econômicos.

De acordo com o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁸ (IBGE), cujos dados são apenas uma estimativa, pois a atualização ocorre constantemente, a população brasileira hoje está na ordem de 193.733.795 habitantes, com uma área total de 8.514.876 km², obtendo assim uma densidade demográfica de 22,75 hab/km², um número pequeno para a grande extensão de terra. Nesta mesma linha de análise, focalizamos Mato Grosso, com uma população de 2.854.642 habitantes, em uma área de 903.357.908 km², com uma densidade demográfica de 3,16 hab/km². Nosso espaço geográfico da pesquisa, Vila Bela, tem uma população de 13.886 habitantes com um território de 13.631 km², mostrando uma densidade demográfica de 1,01 hab/km²⁹.

Verificando a tabela C, que consta nos anexos deste trabalho (p. 86), o senso de 2000 traz pequenas alterações quando se refere ao número de habitantes em Vila Bela, sendo que estas alterações de dados não altera significativamente os outros dados que iremos elucidar abaixo. A tabela C nos mostra a realidade em que se encontra a cidade fator que poderá ser um entrave para seu desenvolvimento; mas isto, tendo como base o número de residentes, que é três vezes maior no campo do que na cidade. Tomando estes dados como padrão de crescimento, tem-se um efetivo de mão de obra para os setores secundários e terciários, fator não aplicável em Vila Bela, uma vez que são os espaços urbanos da região que vão gerar muitos lucros à cidade.

Como podemos notar, em 2006, de acordo com o censo do IBGE, o número de estabelecimentos para a criação de espécie bovina no Brasil chegava a 2.650.596; no Centro-Oeste, 237.172; no Mato Grosso, 80.884 e, em Vila Bela da Santíssima Trindade, 1.132¹⁰. Dados curiosos, se compararmos o número de habitantes da cidade com o número de propriedades e ainda observamos a partir de visita a campo, a disparidade entre ricos e pobres, uma vez que a cidade sempre teve um potencial produtivo notável e não houve uma distribuição igualitária das riquezas ou fontes de geração para tais.

Em 2007, o censo indicado pelo IBGE, apresenta a população residente em Vila Bela com o número de 13.886 habitantes, em contrapartida fazemos uma analogia

⁸ **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 09 de jul. 2009.

⁹ Dados obtidos a partir de uma estimativa da contagem da população, lembrando de que o senso acontece de 10 em 10 anos, onde usamos estes dados em alguns casos, para o Brasil, dados do ano de 2009, para Mato Grosso dados do ano de 2007, assim como Vila Bela. Por favor, verificar links nas referências bibliográficas.

¹⁰ Para visualizar os dados pelo site do IBGE, por favor, verificar links nas referências bibliográficas.

com o censo de 2007 que nos traz o número de rebanhos bovinos, marcado em 839.469 cabeças¹¹. Cabe, pois levantar a hipótese de que o espaço compreendido pelo município de Vela Bela foi, de fato, disciplinado para a produção agropecuária, em função da criação de bovino.

Se juntarmos os dados coletados no IBGE, temos em Vila Bela 1.312 estabelecimentos para a agropecuária, 839.469 mil cabeças de bovinos, aglomerados em um espaço de 13.631 km²¹², que é o território do município, assim, onde temos uma densidade demográfica de 1,01 habitantes por quilômetro quadrado, temos uma “densidade demográfica” de 61,58 bois por quilômetro quadrado.

Segundo os dados coletados no site do IBGE, em Vila Bela, a área dos estabelecimentos agropecuários, como demonstrado acima, em sua maioria, é para a criação de gado, onde temos 1.140.346 hectares, o que vai corresponder a 11.403,46 km² da extensão territorial do município. Por uma analogia, ratificamos que este espaço é disciplinado para o gado, tendo em vista que o território de Vila Bela mede 13.631 km² e tem sob domínio da criação de gado, um espaço que corresponde a 11.403,46 km, ficando pouco espaço que não é destinado à atividade agropecuária.

É notável a disparidade entre território, propriedade privada para criação de gado, cabeça de bovinos e habitantes de Vila Bela; por isso nosso interesse em identificar como o biopoder, em plena sociedade de controle, usa da técnica disciplinar para as relações de força no território do Vale do Guaporé.

No próximo capítulo faremos uma breve descrição das sociedades soberanas, disciplinares e de controle, e de como a disciplina como mecanismo de controle sobrevive às classificações, sociedades e períodos.

¹¹ *Idem.*

¹² *Idem.*

CAPÍTULO II

SUBTERFÚGIO DO CORPO E AÇÃO DO CONTROLE

1. SOCIEDADES: SOBERANA; DISCIPLINAR E DE CONTROLE.

A disciplina é um dos mecanismos de controle que atravessa todas as sociedades marcadas pelo poder: seja a sociedade soberana, a disciplinar e a de controle.

Nas sociedades soberanas, caracterizadas como períodos em que se atuou pelo poder de fazer morrer, ao invés de deixar viver, aplicando sanções severas ao corpo para dar o exemplo com a intenção de obter o respeito e manter a ordem social cujo objetivo e funções do rei eram completamente diferentes, uma vez que consistiam em “açambarcar, mais do que organizar a produção, decidir sobre a morte mais do que gerir vida” (DELEUZE, 1992, p. 219).

A sociedade disciplinar emerge para dar conta dos grandes aglomerados de indivíduos, que precisam ser organizados, que serão confinados, e um dos meios mais notáveis será a prisão. “As sociedades disciplinares têm dois pólos: a assinatura que indica o *indivíduo*, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa... o poder é massificante e individualizante” (DELEUZE, 1992, p. 222). Neste período, o indivíduo sofre as ações disciplinares pela moral, agora não se faz mais o martírio pelo corpo e sim pela alma, pela vergonha.

Nos exércitos ao menor erro do sargento, por exemplo, este é punido com o rebaixamento de patente, fazendo com que fique perante seus colegas humilhado. O indivíduo dócil e útil é construído por bases hierárquicas do sistema de controle, ele é enquadrado, medido, qualificado para a percepção de seu progresso. Logo, a relação de força é direta, pois o indivíduo é constituído para determinado fim. Podendo ser identificado por estar em uma constituição de blocos, confinamentos institucionais. Deleuze anuncia que:

A partir da segunda Guerra Mundial: sociedade disciplinar é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser... são as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares... os

confinamentos são *moldes*, distintas moldagens, mas os controles são uma *modulação*, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante... a *formação permanente* tende a substituir a *escola*, e o controle contínuo substitui o exame (DELEUZE, 1992, p. 220-221).

Na sociedade de controle não há mais o que podemos denominar de “instituições observantes”, como o panóptico, existindo ainda elementos deste sistema, mas agora cabe sermos regidos pelo sinóptico, tema que trataremos a seguir. Agora o indivíduo não será marcado por uma linearidade de sistemas disciplinares, e sim por uma constante formação. O indivíduo não é mais marcado por aglomerados institucionais fixos, e sim por uma ordem virtual, um poder atuante por todos os espaços. Ao passo que na sociedade soberana o intuito da disciplina atuava pelo martírio do corpo, na sociedade disciplinar sua atuação era penalizar a moral, a alma individual, na sociedade de controle tem uma dualidade, tendo como centro o dinheiro, onde a disciplina se faz pela moral (inserção nos meios de capital) e corporal (subsistência biológica do corpo).

Com a disciplina na sociedade de controle, apesar de ser mais sofisticada, o indivíduo, antes constituído pelo tempo, cronológico, agora é formado constantemente, não podendo cessar sua docilização; em contrapartida, há sistemas de captura que não permitem uma fuga dos controles sociais. Podemos enunciar com Deleuze, que:

nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma *senha*, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por *palavras de ordem*... A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição... Os indivíduos tornaram-se “*dividuais*”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “*bancos*” (DELEUZE, 1992, p. 222).

Uma das expressões mais notáveis do controle pela disciplina na nova sociedade é o CPF (Cadastro de Pessoa Física), que nos identifica, classifica e pune; hoje, o nômade, o que procura a linha de fuga em uma sociedade plena do capitalismo é facilmente capturado pelo sistema de poder¹³. O panóptico que antes era físico na sociedade disciplinar, na sociedade de controle é virtual, em um sentido figurado, (com o uso de câmeras, senhas, identificadores etc.); o controle, que antes era feito pelo olhar humano, através das celas, agora é feito pelo olhar “maquínico” (uso de máquinas

¹³ Exceto o delinquente, que só será identificado pela ficha policial, ou o muambeiro, identificado pelas câmeras de segurança nos espaços públicos (praças, ruas etc.) ou privado (mercados, lojas etc.).

digitalizadas) e por vários meios, como contas bancárias, cartões de créditos, CPFs, enfim uma infinidade de formas de manter o controle sobre as massas.

Com a nova ordem do sistema de informação, com todas as interações humanas por meio virtual, mesmo o indivíduo que recebe a bolsa família no interior de um Estado, de difícil acesso, participa de uma organização sistemática da sociedade de controle que, no mínimo, é capturado (identificado e mensurado quanto à renda, raça, idade, situação financeira etc.) pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil e por outros mecanismos nos vários continentes.

A virtualização se tornou a nova torre de controle panóptica, não tendo mais a presença física do vigia e sim a presença virtual, entre eles está o dinheiro, pois é o

dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medição padrão -, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como uma percentagem de diferentes amostras de moeda (DELEUZE, 1992, p. 222).

Não só na sociedade disciplinar a moeda foi forma de poder, mas também nas sociedades soberanas mais avançadas, as que estavam em vias de transição. Agora com as trocas flutuantes, marcando espaços políticos e econômicos, e note, que “o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento” (DELEUZE, 1992, p. 224), não sendo necessário mais uma estrutura física para o controle disciplinar, tais como as escolas, as prisões, o hospital, etc., hoje temos o capital para ditar uma transição; de uma estrutura física a uma estrutura virtual, como os guetos e as favelas, etc.

Antes o indivíduo era confinado sob pena de não se retirar de seu espaço marcado pelo tempo e pela numeração, agora não há delimitação de espaço físico e tempo cronológico, e sim uma demarcação financeira. Vivemos em uma sociedade livre, podendo transitar por onde quiser, mas não dispendo de capital, ficamos confinados em nossos bairros por períodos longos.

2. O PANÓPTICO E A AÇÃO DO CONTROLE EM VILA BELA

Ao interpretar as relações de força, percebemos o quanto esta se adapta quando se trata da melhor forma de capturar o indivíduo no meio social para o controle. “O poder hoje seria cada vez mais ilocalizável, porque disseminado entre os nós das redes. Sua ação não seria mais vertical, como anteriormente, mas horizontal e impessoal” (COSTA, 2004, p. 162). Nas sociedades soberanas e disciplinares, o poder era institucional, era localizável, principalmente pela hierarquização do poder, hoje, “o poder não tem mais uma cara. Sua ação agora se restringe apenas à contenção das massas, à construção de muros dividindo cidades, à retenção financeira para conter o consumo” (COSTA, 2004, p. 162), há apenas um controle a partir do descontrole social, normas para marcar os espaços de permissão e negação do outro, da vida.

Costa (2004, p. 163) faz notar que “nenhuma forma de poder parece ser tão sofisticada quanto aquela que regula os elementos imateriais de uma sociedade: informação, conhecimento, comunicação”; ele refere-se ao novo regime em que vivemos, como uma sociedade de controle, onde as instituições físicas deram lugar às virtuais, respondendo ao comando de satélites e programas.

Marcando o período soberano, bem como sua ação de controle, Foucault assinala que:

No regime da soberania (isto é, grosso modo até o século XVII, em alguns casos até o século XVIII) o poder, no fundo, é mais um mecanismo de retirada, de subtração, de extorsão, seja da riqueza, dos produtos, bens, serviços, trabalho, sangue. É um direito de apropriar-se de coisas, de tempo, de corpos, de vida, culminando com o privilégio de suprimir a própria vida¹⁴.

No regime soberano, há o uso da relação de força, como elemento apenas para marcar a existência, decidindo sobre a vida ou a morte, mesmo tendo o controle sobre o corpo, pelo tempo, pela disciplina e outros mecanismos, este regime imprime a ordem pelo medo do suplício, da exposição e castigo do corpo.

¹⁴ Texto a partir de uma tradução livre por Claudinei C. dos Santos, do livro - FOUCAULT, Michel. *La Volonté de Savoir*. Paris, Gallimard, 1976.

Mesmo fazendo uso das instituições para suas ações, na sociedade disciplinar é importante estar atento ao fato de que a disciplina é uma tecnologia de controle importante que age de forma intrínseca no meio social, nos “quadros vivos”, sendo quase imperceptível sua ação de controle, pelo uso de suas técnicas, por meio das quais se apropria do corpo, e agora da alma do indivíduo, principalmente na passagem para a sociedade de controle. Sua ação é de tal forma que

A disciplina tem que fazer funcionar as relações de poder não acima, mas na própria trama da multiplicidade, da maneira mais discreta possível, articulada do melhor modo sobre as outras funções dessas multiplicidades, e também o menos dispendioso possível: atendem a isso instrumentos de poder anônimo e coextensivos à multiplicidade que regimentam, como a vigilância hierárquica, o registro contínuo, o julgamento e a classificação perpétua (FOUCAULT, 2006, p. 181).

O indivíduo não deve estar seguro do controle que o rege, apesar de haver uma percepção e visibilidade em partes, mas nunca deve ser visto ao todo, de tal forma que os mecanismos enraízam as formas e normas do controle em cada um. Para tal efeito, faz-se se necessária a aquisição do saber, que se dá pelos arquivos infinitos, que dará possibilidade de as forças localizarem o corpo em uma massa, classificá-lo, domesticá-lo e mantê-lo em constante controle, seja pela disciplina constante, celular ou pela captura incessante dos meios de confinamento, agora virtual; podemos citar o exemplo do cartão de crédito, que tutela nossos acessos a bens materiais.

O processo disciplinar atua por todos os regimes descritos até agora, seja pelo poder: soberano, hierárquico ou de controle, mas sempre de forma sutil e eficaz. Na sociedade soberana, a ação era “contra o corpo”, pois o castigo como forma de punição era o martírio e a exposição em praça pública, tudo em nome da ordem social.

Segundo Foucault, em se tratando de ordenamento social, a

formação de uma sociedade disciplinar nesse movimento que vai das disciplinas fechadas, espécie de “quarentena” social, até o mecanismo indefinidamente generalizável do “panóptismo”. Não que a modalidade disciplinar do poder tenha substituído todas as outras; mas porque ela se infiltrou no meio das outras, desqualificando-as às vezes, mas servindo-lhes de intermediária, ligando-as entre si, prolongando-as, e principalmente permitindo conduzir os efeitos de poder até os elementos mais tênues e mais longínquos. Ela assegura uma distribuição infinitesimal das relações de poder (FOUCAULT, 2006, p. 178).

Foucault fala de uma disciplina fechada, citamos como exemplo os conventos, as escolas, que passam para um controle mais generalizado, onde podemos arriscar dizer que, com o uso do panóptico, começa a nascer a sociedade de controle, com uma nova forma de captura individual, distribuindo uma nova ordem de poder, que perpassa o corpo, o físico, adentrando na “alma”, no psicológico, no imaterial, induzindo a uma nova forma de controle ainda hierárquico, nos indivíduos que quer controlar.

Agora com o panóptico, temos uma força menos hierarquizada, pois qualquer um pode verificar a ordem por este mecanismo de controle, ao contrário, por exemplo, nas escolas, no exército, necessitando de uma prévia formação e delegação de poder.

Ao falar do panóptico e de sua formação estrutural, segue descrição deste aparelho disciplinar, tendo o

panóptico de Bentham, na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (FOUCAULT, 2006, p. 165-166)¹⁵.

Quando dizemos que este é o princípio do nascimento da sociedade de controle, e norte para uma nova era, anunciamos a forma como a disciplina se apropria da energia, do tempo, do espaço e do corpo do indivíduo.

Agora não necessita mais de uma clausura, não precisa de muitos para controlar poucos, agora usa-se poucos para controlar muitos, há um menor desperdício de energia, pois na passagem da sociedade soberana para a sociedade disciplinar, há um investimento na captura de energia em cima do corpo; mas houve o esquecimento do processo hierarquizante que gasta muita energia, não as aproveitando como devido; com o panóptico, começa aqui um melhor aproveitamento desta energia, tendo por parte do poder uma centralização maior de potencialidade individual.

O poder é tal, que o efeito do panóptico é

induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. ...que esse aparelho arquitetural... uma máquina de criar e sustentar uma relação

¹⁵ Ver ilustração nos anexos, letra F., p. 87.

de poder independente daquele que o exerce enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores (FOUCAULT, 2006, p. 166).

A partir daqui, Mathiesen vê e descreve um novo regime, o sinóptico, onde muitos podendo vigiar e controlar poucos, seguindo os princípios soberanos, de muitos cuidarem de poucos, com a diferença de que, agora, não precisamos do espaço físico localizado, tanto o alvo quanto o controle estão em constante movimento, chega o fim das estruturas necessárias para o controle e nasce o poder a partir do controle virtual.

A indução e efetivação do poder por esta nova ordem, o panóptico,

devia ser visível e inverificável... na torre central, vê tudo, sem nunca ser visto... pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder... é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder... uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia. De modo que não é necessário recorrer à força para obrigar o condenado ao bom comportamento, o louco à calma, o operário ao trabalho, o escolar à aplicação... (FOUCAULT, 2006, p. 167).

A partir da constituição do panóptico para domínio das massas, este constrói uma imagem real de um indivíduo perfeito dentro do sistema disciplinar, sendo que não é preciso mais imprimir a força sobre o corpo para obter bons resultados. Deixa para trás o princípio da força e punição no poder soberano e os mecanismos disciplinares da sociedade disciplinar e ganha corpo uma nova ordem, a do controle “fictício” (produzir a sensação de vigilância constante, como no panóptico), produzindo uma realidade quase imaginária nos detentos.

O poder é tal que:

o panóptico é um zoológico real; o animal é substituído pelo homem, à distribuição individual pelo agrupamento específico e o rei pela maquinaria de um poder furtivo... pode ser utilizado como máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos. Experimentar remédios e verificar seus efeitos... é um local privilegiado para tornar possível a experiência com homens, e para analisar com toda a certeza as transformações que se pode obter neles... funciona como uma espécie de laboratório do poder (FOUCAULT, 2006, p. 168-169).

Mais do que um laboratório, produz-se aí um novo indivíduo, moldável, modelável e identificável em qualquer lugar. Podemos identificar as novas formas de

mecanismos do biopoder que o Estado adota, onde temos a grande torre, o Estado e seu sistema eletrônico, e as “celas residenciais”, o CPF (Cadastro de Pessoa Física), uma série de números que permite sua identificação no acesso principalmente para benefícios financeiros, nos rastreia, pune e classifica, quando precisamos de um crédito e de um financiador.

O sistema é tão eficaz quando se trata de contingente populacional que:

cada vez que se tratar de uma multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa ou um comportamento, o esquema panóptico poderá ser utilizado... é um intensificador para qualquer aparelho de poder: assegurar sua economia (em material, em pessoal, em tempo); assegura sua eficácia por seu caráter preventivo, seu funcionamento contínuo e seus mecanismos automáticos. É uma maneira de obter poder (FOUCAULT, 2006, p. 170).

Havendo necessidade de um controle com o menor risco de desperdiçar energia, se deve aplicar o princípio panóptico, tendo em vista sua redução em gastos tanto de pessoal quanto de material, levando em conta os resultados que são de imediato e cada vez mais seguros.

Tanto é que podemos situar este mecanismo como elemento de transição da sociedade disciplinar para a de controle, pois, a:

disciplina-bloco, a instituição fechada, estabelecida à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina-mecanismo: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções sutis para uma sociedade que está por vir (FOUCAULT, 2006, p. 173).

Agora não há mais uma instituição física e sim seus princípios enraizados no indivíduo, uma instituição fictícia, que ultrapassa as barreiras do tempo, do espaço, agindo de maneira mais rápida e produtiva, sem muito desperdício de energia, podendo capturar e domesticar corpos a qualquer tempo, em qualquer espaço; estamos falando do novo mecanismo de captura, o sinóptico.

Mathiesen anuncia:

Temos a difusão do controle vinculada à parafernália tecnológica, seja pela continuação do princípio de poucos vigiando muitos (substituindo-se até mesmo a figura do vigia pelos computadores), através de câmeras onipresentes que nunca sabemos exatamente onde

estão, seja pelo novo processo “sinóptico” de muitos vigiando poucos (MATHIESEN, 1997; 1998).

Entramo-nos em um tempo onde a comunicação invade nossos espaços estruturais, nos coagindo aos poucos, dominando nosso imaginário e nos escalando para a nova rede de controle, onde podemos ser nosso próprio “carrasco”, nos controlando e vigiando os demais.

Percebemos que a diferenciação entre estes mecanismos de poder pode ser percebida: “enquanto no panóptico era de caráter local, o Sinóptico de Mathiesen é de natureza global” (COSTA, 2007, p. 265), a ação agora não se faz por “demanda”, não sendo necessário mais fixar um número de indivíduos para o exercício de “domesticação”, atuando em uma órbita generalizada. Por este controle atuar em um espaço global, ressaltamos mais uma vez a importância de observar, se não estamos caminhando para um (des) controle, pois com a aceleração de um dos maiores mecanismos do controle, o computador, e seu acesso à *internet*; há uma ação desmedida, por parte de uma ordem social, na invasão da privacidade e liberdade de indivíduos, diferente de um ataque de *hacker*, pela intencionalidade da ação.

Assim, entendemos que estamos sofrendo um desajuste na organização social, como as notícias que tivemos de um supercomputador, no sudeste do Brasil, conectado em rede, em um apartamento isolado, que transmitia dados sigilosos de pessoas importantes em nossa sociedade, a terceiros, desde que pudesse pagar pelo serviço¹⁶.

Marcando ainda a diferenciação entre o panóptico, um dos mecanismos mais eficientes do poder, Bauman (1999, p. 60) acredita que “o panóptico forçava as pessoas à posição em que poderiam ser vigiadas. O sinóptico não precisa de coerção – agora este induz as pessoas à vigilância”, este perde o *status* de instituição física instituída para uma instituição virtual fixada, não em um espaço físico, mas no imaginário dos indivíduos, pois agora não necessitamos de um vigia, eu passo a ser meu próprio vigia, assim como estou em constante vigília do conjunto no qual estou inserido.

Na nova ordem de captura do indivíduo pelo poder, que perde seu grau de severidade, atuando no corpo e pelo corpo, assim, age agora com consentimento das

¹⁶JORNAL NACIONAL. SP: **MP investiga venda de dados sigilosos**. Disponível em < <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1239610-10406,00-SP+MP+INVESTIGA+VENDA+DE+DADOS+SIGILOSOS.html> >. Acesso em: 27 de jul. 2009.

massas, agora todos se observam, e “poucos observam muitos”¹⁷ (MATHIESEN, 1998, p. 81), fato que pode ser notado pelos sistemas computacionais, com programas que nos enquadram em uma ordem de controle permanente. Não muda muito em se tratando de “saberes”, pois continuamos sendo medidos, classificados e punidos na sociedade, por uma relação de forças.

Não podemos dizer que ainda subsista o panóptico como elemento de primeira instância na pós-modernidade, o que não podemos negar são seus princípios, que fazem gerar esta nova ordem de vigilância virtual, que nos cerca o tempo todo. Até mesmo as escolas, onde ainda havia muito do panóptico, começam a ganhar câmeras e sistema de comunicação instantânea, fazendo uso da nova geração sinóptica de Mathiesen.

Discordamos da posição que Silva e Moura (2008) estabelecem, fazendo apontamentos que “dão a entender que houve certo 'descuido' por parte de Foucault ao não perceber que havia, em razão da difusão dos meios de comunicação, principalmente a televisão, outro processo que Mathiesen denominou de sinóptico. Discordamos, pois o panóptico como mecanismo de poder age em uma sociedade disciplinar, pensado para o controle hierárquico e demarcado por instituições “físicas” que pretendiam efetivar uma disciplina institucionalizada.

Pode ser marcado, ainda, um momento de transição entre sociedade disciplinar e sociedade de controle, com o modelo panóptico, assim, ele está longe de ser confundido e similarizado com o sinóptico, pois há uma diferenciação um tanto considerável, pois um age pelo princípio físico, de clausura institucionalizada, necessitando de um “cercamento”, enquanto que o outro ultrapassa as barreiras físicas, fazendo uso do virtual, do ciberespaço.

Não havia o porquê de estar levando em conta a expansão das mídias, pois é um mecanismo que se fecha em uma sociedade que agora dá espaço para outra, mas isto não significa que os mecanismos de controle de outras sociedades não transitam em determinados momentos por todas as sociedades, mas é de alcance passageiro.

Para Silva e Moura (2008), “o sinóptico e o panóptico não se excluem, pois juntos passam a desempenhar um controle mais acentuado na sociedade”. Não há como

¹⁷ Note que ora anunciamos o sinóptico como ferramenta onde poucos vigiam muitos e ora como muitos vigiam poucos, não sendo elementos contraditórios pois, como cada um vigia a si mesmo, os papéis estão sempre em vias de se efetivar.

ver uma ação conjunta entre estes mecanismos de controle, pois atuam em épocas diferentes e em níveis diferenciados. Podemos verificar isso, uma vez que:

“O panóptico... era por sua natureza um estabelecimento local... imobilização dos seus súditos – a vigilância estava lá para barrar a fuga ou pelo menos para impedir movimentos autônomos, contingentes e erráticos. O sinóptico é..., global; o ato de vigiar desprende os vigilantes de sua localidade, transporta-os pelo menos espiritualmente ao ciberespaço, no qual não mais importa a distância, ainda que fisicamente permaneçam no lugar. Onde quer que estejam e onde quer que vão, eles podem ligar-se – e se ligam – na rede extraterritorial que faz muitos vigiar poucos. O Panóptico forçava as pessoas à posição em que podiam ser vigiadas. O sinóptico não precisa de coerção – ele seduz as pessoas à vigilância.” (BAUMAN, 1999, p. 60).

Acentuemos uma diferenciação salutar, a ação local (panóptico) e a ação global (sinóptico), bem como deixemos claro de que os princípios básicos de controle não são saturados e sim aperfeiçoados, são mecanismos de gerações diferentes. O primeiro tem seu objetivo alcançado só a partir da fixação e delimitação de um território, enquanto que o segundo não necessita de um território e nem de se fixar para sua ação, por exemplo, o controle via GPS (Sistema de Posicionamento Global), não há por que se fixar.

3. SEGURANÇA, SAÚDE E O ÁLCOOL NO VALE DO GUAPORÉ

No século XVIII o Forte do Príncipe da Beira foi construído para guardar a fronteira dos territórios entre a coroa portuguesa e a realeza espanhola, sendo este uma espécie de demarcação de um espaço, rico em ouro e outros minerais. Hoje este forte pertence ao Estado de Rondônia, já com a finalidade de proteger as fronteiras da Amazônia. Sua construção obedece a uma arquitetura panóptica, como pode ser visualizada na foto que consta nos anexos¹⁸.

Podemos visualizar a importância da construção deste Forte para a coroa portuguesa, além do “Guaporé, rio que hoje fica entre Brasil e Bolívia, cuja

¹⁸ OCUPAÇÃO DE RONDÔNIA. **O real forte do príncipe da beira.** Disponível em: <<http://www.pakaas.net/rondonia.htm>> Acesso em 21 de jun. 2009.

continuação, para norte, é o Mamoré e, a seguir, o Madeira. Foi construído para proteger as minas de ouro, situada na margem direita do Guaporé, próximo à Vila Bela (AMADO e ANZAI, 2006, p. 43)

Ontem, quando da criação deste dispositivo de segurança e controle havia toda uma preocupação em assegurar um território e seu bem maior (o ouro no caso); hodiernamente verificamos que este fator não está sendo priorizado. Segundo relatos de moradores de Vila Bela, ali hoje a segurança é precária, o policiamento possui um contingente baixo, contando com mais ou menos vinte (20) homens. Os carros que servem como ponto de apoio para o efetivo policial encontram-se defasados, tendo o destacamento da polícia civil, recebido recentemente uma viatura para patrulha. Na visão de alguns, a

PM está agindo mais ou menos, o erro sempre tem mesmo. A bebida trás briga. Os jovens consomem mais bebida, não estão obedecendo mais os pais, cadê o respeito? Estão envolvidos com drogas e besteiradas. Tem dia que a delegacia fica cheia de jovens e mulheres. Nunca vi boliviano preso por drogas. Só o povo daqui vai buscar, eles são mais inteligentes do que nós! Os jovens são presos com drogas e saem logo. Antigamente o povo andava armado, a polícia não mandava muito, nas festas de Santo, ao invés de fogos atirávamos para cima (ENTREVISTADO F., 2009).

Os moradores de Vila Bela, hoje, identificam que a problemática da segurança não esbarra só no efetivo policial, e sim na educação¹⁹, tendo em vista o respeito dos filhos que se perde a cada dia para com os pais, e de como estes jovens tendem para um caminho, que em muitos casos, leva à desgraça. Há um uso constante de álcool e drogas na cidade; conforme o depoimento, onde há frequência de jovens e mulheres detidas na delegacia por brigas que são geradas por consumo de substância alcoólica ou química.

Segurança como ponto fundamental para a convivência em comunidade sempre foi prioridade principalmente nos grandes centros de desenvolvimento, e Vila Bela foi um centro de riquezas no passado, hoje percebe o descaso, por não ter tanta riqueza a ser explorada de maneira democrática, com a participação do povo através do poder público, mas engana-se quem pensa que a cidade ainda não possui riquezas, entre

¹⁹ Entendemos educação neste contexto, a que se obtém em casa, diferente do conceito correntemente usado, adquirido na escola, pois entendemos que lá somos apenas instruídos, educados somos em nosso lar, na célula familiar.

elas citamos a antiga Vila São Vicente, lugar das ricas minas, hoje há neste espaço uma mineradora.

De acordo com depoimento do (Entrevistado C., 2009), a região ainda possui uma riqueza inestimável, uma vez que “tiram muito ouro, cerca de 3,9 onças por minuto”, e contrabalanceando com este outro registro, onde segundo Amado e Anzai (2006, p.217) “desde o ano de 1772 até o de 1778, se haviam fundido na mesma Casa Real, 204 arrobas, 27 marcos, três onças, 12 grãos de ouro desta Capital...”. Agora mostramos uma comparação para se ter uma ideia da quantidade de ouro, em amostra estimativa, que extraem da região, que vive em um estado de abandono por parte das autoridades políticas e até mesmo por seus próprios moradores.

Partindo de uma analogia, fazendo os cálculos a partir dos danos fornecidos pelas fontes, avaliando os seis anos de produção que se teve na época supracitada e avaliando hoje, por cálculos, computando também seis anos de extração, de 1772 a 1778, pela casa Real de Fundição, encaminhou para a coroa lusitana 3.786 mil kg de ouro, sendo que atualmente no mesmo local da mineração citada, nestes anos, são retirados neste intervalo de seis anos, 344.373 mil kg de ouro²⁰.

Mesmo levando em conta o uso de máquinas sofisticadas, o número de kg extraído é muito grande, nos apontando uma questão curiosa para se pensar: o ouro enviado à coroa lusitana, de certa forma, ajudava o império a se manter e, concomitantemente, a manter suas colônias.

Hodiernamente, este ouro é destinado a um grupo de empresários; o Estado fica apenas com os impostos, mas estes não redundam em benefícios para o povo de Vila Bela.

A situação é de uma delicadeza maior, quando nos relatam que:

A Polícia Federal foi lá, mas não deu em nada. Ficaram dois dias sem controle quando vazou cianeto, tiveram que pedir apoio. Por pegarem remédios no posto de Vila Bela, o povo ficou sabendo. Na mineração trabalham com cianeto²¹ líquido, hoje é uma pasta, passarinho bebe a

²⁰ Estes dados são aproximados, tendo em vista a dificuldade de calcular uma grande quantidade de números, podendo chegar a uma marcação infinita, o que se denomina por dizima periódica, de números após a vírgula, então optamos por uma aproximação, uma vez que não dará diferença de muitos kgs, se refeito os cálculos em calculadoras científicas precisas.

²¹ Cianureto, também dito cianeto, é o nome genérico de qualquer composto químico que contém o grupo ciano $C\equiv N$, com uma ligação triplíce entre o átomo de carbono e o de nitrogênio. São substâncias extremamente tóxicas, entre os venenos mais letais conhecidos pelo homem. Possuem típico odor amargo, lembrando amêndoas. O cianeto de ouro é usado para a douração de certos metais, a frio (sem a

água contaminada e morre, nas chuvas vasa e escorre para o solo, cai no rio Guaporé e vêm pelo rio Sararé. Veio até o exército na mineradora, o cianeto mata depois de dois a quatro anos. A mineradora está na Serra da Borda. Trazem pessoas de outros lugares para mineração, são poucos de Vila Bela que trabalham lá. Trouxe policiamento dos EUA para resolverem os problemas que tiveram; eles são canadenses, cinco tipos de mineração é explorado lá, ninguém sabe de muita coisa. Tiram só de avião, as carretas que entram só são carregadas com minas, lá é cheio de minas, lá tem ruínas de pedra sobre pedra (patrimônio), os negros cuidavam do túnel com ouro, hoje estão detonando tudo. Lá ficou dois ou três anos sem ninguém entrar. Antigamente duas mil bombas detonavam por tarde, hoje são mais de três mil bombas. Já estão com quase 500 metros de profundidade de minas (ENTREVISTADO C., 2009).

O povo desconhece a segurança e o controle das ações da possível exploração, mesmo o governo sendo dono incondicional do subsolo²². A comunidade de Vila Bela deveria ser informada de todos os detalhes da mineração, uma vez que o material usado na extração de minérios contamina não só seus trabalhadores, alguns moradores da cidade de Vila Bela, mas também as nascentes, os córregos e os rios; e acabam, por decorrências desta contaminação, agredindo também a biodiversidade da região.

A situação da cidade, em se tratando de segurança, melhora aos poucos, segundo o relato que se segue:

Diminuiu muito bandido, hoje temos a quem recorrer, antes chegava um e mandava, matava, pressionava etc., não tinha tanta polícia, hoje ela está sempre presente. Os rapazes consomem muito Canjinha, assim como os visitantes. De primeiro tinha muita confusão por cachaça, hoje está um pouco diferente (ENTREVISTADO E., 2009).

Percebe-se que a população da cidade, que até há uns 50 anos atrás, vivia em descontrole (dado a ausência quase total do Estado), e ao mesmo tempo um controle por parte de quem detinha o poder, expresso pelas ações dos capangas ou jagunços a serviço dos latifundiários; hoje se sente mais segura, uma vez que há um efetivo policial cada

necessidade de processo de eletrólise). A ingestão de uma dose de 0,5 a 1mg seria suficiente para matar instantaneamente um adulto. Nos campos de extermínio alemães da Segunda Guerra Mundial, foi usado um gás tóxico a base de cianureto, conhecido como Zyklon B ("Ciclone B") nas câmaras de gás. Informações obtidas no site < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cianureto>>.

²² Verificar a Constituição Brasileira de 1988, para termos ciência de nossos direitos e deveres enquanto cidadãos. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - casa civil - subchefia para assuntos jurídicos - **constituição da república federativa do brasil de 1988**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 07 de ago. 2009.

dia mais presente. Algumas brigas são atribuídas ao consumo de álcool, principalmente por parte dos jovens.

Mas há quem critique o trabalho do policiamento e sua postura:

Há bastante viciados em drogas, não vejo a segurança com bons olhos, aproveitam para ganhar dinheiro, tem elementos, mesmo ficando 2 a 3 anos em um lugar, logo, mesmo sem não ter chegado com nada, enriquece rápido (ENTREVISTADO G., 2009).

Por ser uma cidade de fronteira, o efetivo para com a segurança deveria ser fortalecido constantemente, fator contrário a esta ideia e que é usado como ponto de favorecimento, melhorando de situação financeira significativamente em um período curto, que segundo alguns moradores, apenas os salários não poderiam ser suficientes para conseguir tantos bens.

A saúde em Vila Bela, exceto o acontecimento da mineradora que é um caso a parte, onde o povo não tem esclarecimentos sobre o que acontece no campo de trabalho da mineradora, está bem desenvolvida se comparar com os tempos que se seguiram a sua criação. Conforme relatos registrados em Amado e Anzai (2006, p.41) no “mês de agosto (1734), começou a picar a peste... morreram... muitos... assim brancos como carijós e negros”. E não dando sossego ao povo da pequena cidade, no mesmo ano, “sem embargo de ser limitada a cheia do rio, com a vazante dele começaram a picar as sezões nesta Vila, geralmente em todos, padecendo-se por bastantes meses Sua Excelência e toda sua família, penetrando mais nos soldados dragões por viagem recente” (AMADO e ANZAI, 2006, p.52).

Os anos sucedem em Vila Bela oscilando e nunca livre das pestes, tendo em vista a quantidade de águas que havia na região, os alagamentos, o saneamento etc. Pelo relato de Amado e Anzai (2006, p.69), a cidade registra em “1758... um dos anos mais saudáveis e mais preservados de contágio ou epidemias”.

A posição geográfica do Vale do Guaporé com seus pantanais e alagamentos anuais não oferecia condições ideais de moradia para seus habitantes, mesmo quando as chuvas não eram intensas, conforme o relato registrado pela autoras referidas acima. No ano de 1785, não ouve tantas chuvas nem alagamentos, e, no entanto, “houve moléstias graves, de que morreram muitas pessoas, entrando advogados, cirurgiões e até o único boticário” (AMADO e ANZAI, 2006, p. 255). Esse parece ter sido um dos anos mais

terríveis para a cidade de Vila Bela. Esses acontecimentos ainda faz parte da memória dos atuais habitantes da cidade. No ano citado vieram a óbito “figuras” importantes da cidade: um médico, que é o zelador da saúde do povo e o boticário, manipulador de remédios receitados pela medicina, ainda mais se observarmos que, na época, o acesso às informações, pessoal e produtos de toda espécie dependia muito do meio de transporte, sendo o mais rápido via fluvial.

O transporte, em direção a Cuiabá, era feito por via terrestre e para isso utilizavam mulas. Para isso necessitava realizar picadas e caminhos o que levava meses, para serem feitos e com o risco dos nativos atacarem; segundo relato. “Tinha sete etnias aqui na região da Vila Bela, índio nunca parou, tinha confronto, negros foram para São Vicente, aí tinha briga de índios e negros, o negro sempre gostou de beira de rio”, (ENTREVISTADO C., 2009). Percebe que estes nativos se comportavam de maneira nômade, e por serem conhecedores da mata, traziam muita preocupação para a cidade; mais tarde quando os “senhores do poder” mudam para Cuiabá, a briga ainda é acirrada entre negros e índios, permanecendo um problema sério de segurança social, ao final durante o século XIX e boa parte do XX.

A vigilância como princípio sinóptico, que Mathiesen anuncia como uma nova ordem para a figura do panóptico, já fazia se observar em Vila Bela no século XVIII, onde um observa poucos e todos se observam:

Foi destacado para o rio Barbados o cabo de pedestres, João da Silva, para com alguns moradores vigiar sobre aquele distrito e embarçar a fuga dos nossos escravos, prendendo e dando parte, e ainda de outras pessoas que encaminhassem ao mesmo fim; e também desse parte dos espanhóis que encontrasse (AMADO e ANZAI, 2006, p.234).

São espaços construídos pelo poder, territórios guardados para uma observação e manutenção da ordem, do controle tanto de fronteiras quanto do contingente humano.

Hodiernamente, alguns vêem uma melhora significativa em relação à saúde, educação, segurança e serviços públicos. Não fazendo uma analogia com os tempos de fundação da cidade, aspecto que requereria um estudo mais minucioso, os moradores da cidade dizem que:

A saúde caminha devagar, melhorou muito, hoje há quatro médicos e enfermeiros são dez, tem programa da saúde da família, povo é assistido pela bolsa família. O álcool é bem regulado, no canjinjim, têm vários remédios, da energia, força, o vilabelense é difícil se embriagar com canjinjim, (Entrevistado B., 2009). Tinha malária aqui, hoje está bem pouca, nunca teve epidemia de dengue aqui. Hospital foi construído com recursos da Holanda, (ENTREVISTADO G., 2009).

Como podemos notar neste depoimento, e contrastando com outros ao longo do trabalho, há duas forças na cidade, dois discursos proferidos pelos próprios remanescentes dos escravos, fator que reforça a noção de nanopoder²³ em um espaço vilabelense. Um discurso defende que não há um abuso de álcool pelos remanescentes e de que o trabalho do poder público não é dos melhores, mas está satisfatório em Vila Bela, justificando-se que na política as coisas acontecem de forma lenta e gradual. Dizem que “o álcool, o alcoólatra tem em todo lugar, antes tomavam muito mais, a juventude ainda está consumindo muito, há consumo limitado sem prejudicar o trabalho” (ENTREVISTADO G., 2009). Dão exemplo do motivo pelo qual a cidade ainda caminha devagar onde “a obra é sempre feita para mostrar, por exemplo, o esgoto ninguém vê, um poste e uma calçada todo mundo vê”, (ENTREVISTADO G., 2009).

Por outro lado, há quem defende que os jovens consomem muito álcool, sendo este fator, um dos motivos de desregulação da ordem social, implicando na segurança pública, e que o trabalho do poder público “está uma vergonha” em se tratando da facilidade que se tem hoje para conseguir auxílio junto ao governo estadual e federal para melhorar a cidade, suspeitando de que o poder público compactua com os capitalistas da região, que está “péssimo o trabalho da prefeitura e é triste. Os empresários não ligam para ‘pé de chinelo’, na festa²⁴ cooperam, mas é muito pouco, a festa é feita de doações” (ENTREVISTADO C., 2009).

Uma boa parte da população vê a educação como um motor propulsor, principalmente para a comunidade e que ela é elemento que ajuda o indivíduo a entender o que se passa ao seu redor:

²³ Nanopoder, é o que se caracteriza pela (de) centralização do poder, tem-se uma formação de poder celular, com aglomeração de um pequeno grupo de indivíduos, agindo dentro de um grupo maior... este não pode ser visto como uma força inalienável e indestrutível ou passiva de corrupção, pois em sua essência, é uma força sem força, uma relação de poder que bem organizada pode gerar uma força positiva, mas é facilmente dissolúvel meio a ação hierárquica ou nivelada.

²⁴ Festa do Congo e do Chorado.

Escola é essencial acima de tudo, para desenvolvimento intelectual, abre caixa de ferramenta, mostra além, desenvolve a mente, a escola é o ponto de partida (Entrevistado G., 2009). Educação abre a mente, ajuda a desenvolver com ideias, o homem é igual uma lâmina, sem amolar não corta, não tem nem iniciativa. Ser humano: tem gente boa em todas as classes, muitos precisam de oportunidade, os fazendeiros da região se julgam bons. Se não souber o velho, não tem como criar o novo, só Deus criou do nada, (ENTREVISTADO B., 2009).

Vêem a educação como uma ferramenta para a construção de uma nova vida, de uma nova condição social, a partir de uma conscientização frente ao modelo capitalista, que fecha, controla e pune os desprovidos de bens capitais, e esta ação é mais perceptível na relação entre os remanescentes e os empresários, os primeiros reivindicam a posse das terras no Vale do Guaporé, enquanto que os segundos permanecem indiferentes frente à situação da cidade.

4. CORPO SUBJETIVO EM VILA BELA

Em uma nova ordem social, o fazer viver ao invés de deixar morrer, o biopoder, atua como captura do indivíduo para um aproveitamento de energia, após um período soberano com martírios em praça pública para se dar o exemplo para os desobedientes. “São os corpos absolutamente matáveis dos súditos que formam o novo corpo político do Ocidente” Agamben (2002, p. 131), ao perpassar em revista o período disciplinar, aponta que é por meio bio-política, que há “a crescente implicação da vida natural do homem nos mecanismos e nos cálculos do poder” e indica que é por ela que as relações de força se dão. (AGAMBEN 2002, p. 125)

Para Agamben (2002, p. 149) “na biopolítica moderna, soberano é aquele que decide sobre o valor ou sobre o desvalor da vida enquanto tal”, onde independente de estarmos inseridos em um novo regime, os poderes podem emergir e imergirem a todo o momento, pois por mais que uma época alcance uma civilização avançada, há sempre novos territórios a serem alcançados. Seguindo a classificação de Foucault, a sociedade soberana dá lugar a uma nova ordem em fins do século XVI, a sociedade disciplinar, que começa a investir no corpo como fonte de energia.

Na antiguidade soberana, tinha-se o risco, a partir de suas punições severas, para servir de exemplo à população do soberano, ver seu império ameaçado por

agitadores. Na soberania do quilombo do piolho, não se incorria neste perigo ativo de agitações e outros tipos de conspirações, afinal a população era de expressão pequena, e de súditos fieis pelo medo ou disciplina. Nesta sociedade permeiam, além de muitos mecanismos do biopoder, vestígios de todas as sociedades: disciplinar e de controle, a força dominante do nanopoder.

Como podemos notar em algumas literaturas acerca deste quilombo, estes eram organizados para o trabalho, de tal forma que não faltava alimentação para os moradores do local, estes alimentos eram oriundos da coleta e do plantio, e para o comando, por uma hierarquia militar, onde havia delegação de poder pela rainha, que governava o quilombo após a morte de seu esposo, atuava em uma organização “celular”²⁵, de forma a terem uma força capaz de controlar e manter seus indivíduos, mas não suficientes para suportar ataques e invasões de grupos maiores.

Para exemplificar fatos mais próximos da transitoriedade e atuação de mecanismos de uma sociedade em outra, temos “o fascismo e o nazismo, dois movimentos biopolíticos em sentido próprio, que fazem, portanto da vida natural o local por excelência da decisão soberana” Agamben (2002, p. 135); são ações em uma sociedade ainda disciplinar, caminhando a uma sociedade de controle, mas com práticas estritas da soberania.

Nos campos de concentração nazistas, há um pouco de deixar morrer e muito de fazer viver para aproveitamento da energia individual, bem como já encontramos aí pistas de uma sociedade de controle, como a nova identidade que os “concentrados” passam a receber, ao invés de seus nomes, agora são identificados por números e faixas, eis o controle contínuo.

Para Negri, “o poder é superstição, organização do medo: Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação”²⁶, fatos evidentes, mas é importante perceber a dimensão que o controle toma em tempos atuais. Não há como ser desmedido em nossas ações pois, como afirma Deleuze e Guattari, há sim uma linha de fuga, pela qual podemos nos desvencilhar a todo o momento, assim como podemos ser capturados a todo instante. Os domínios do poder alisam e estriam o tempo todo, e vice-versa, o que nos remete ao questionamento: então estaríamos em

²⁵ Verificar obra, **Composição Filosófica**, pp. 28-29.

²⁶ NEGRI, A. **Exílio**. São Paulo, Iluminuras, 2001.

uma sociedade do caos? Não, apenas não podemos ver o mundo como um “nômade ingênuo”.

Por mais que o poder possa ser apenas algo incutido em nós, há formas de desvencilhar deste, atentando-se na ação do perigo... para a linha de fuga, é o de cair em ‘linhas de abolição, de destruição, dos outros e de si mesmo’ (DELEUZE e PARNET, 1987, p. 140 *apud* COSTA, 2007, p. 133).

É possível, mas somos quase incapazes de escapar da malha do controle, uma vez que “o poder hoje seria cada vez mais ilocalizável, porque disseminado entre os nós das redes. Sua ação não seria mais vertical, como anteriormente, mas horizontal e impessoal” (Costa, 2004, p. 162), e mesmo escapando um pouco que seja deste, somos novamente capturados e constantemente disciplinados pelo controle contínuo.

Ao se referir ao conceito de poder:

Henri Lefebvre sugere que o poder sobrevive pela produção do espaço; Michel Foucault sugere que o poder sobrevive pelo espaço disciplinar; Gilles Deleuze e Félix Guattari sugerem que, para reproduzir o controle social, o Estado deve reproduzir o controle espacial. O que Rogério Haesbaert sugere... é que o espaço do corpo humano é talvez o local mais crítico para observar a produção e reprodução do poder (COSTA, 2007, p. 102 – nota de rodapé 4).

Todos os campos possíveis de poder passam de um ponto a outro, o espaço e o corpo. Espaço, pois relaciona a força do Estado como agente de controle dos espaços geográficos para uma organização dos indivíduos; está relacionado ao corpo quando refere a uma ação disciplinadora neste, para assim disciplinar o espaço, e organizá-lo.

Ao se referir e tratar do poder nas sociedades, Foucault o vê de forma distinta de Deleuze e Guattari, onde para o primeiro este “é produtivo (e não só repressivo) e constituinte de toda relação social, organizado em torno de dispositivos como a “máquina” panóptica; em Deleuze e Guattari trata-se do desejo, também agenciado por “máquinas” e tendo um sentimento produtivo, construtivo” (COSTA, 2007, p. 118). É importante observarmos o questionamento que levantamos há pouco sobre um possível caos na sociedade, sabendo que o poder não é algo lastimável em sua produção, ele produz um saber que irá organizar, classificar e hierarquizar a sociedade.

Nesta nova época em que adentramos, “o controle da sociedade sobre os indivíduos não é feito apenas por meio da consciência ou da ideologia, mas também no

corpo e com o corpo. Para a sociedade capitalista, a biopolítica é o que mais importa, o biológico, o somático, o físico” (FOUCAULT, 1994, p. 210). Nas emergências e até na indução de emergências biológicas, o Estado faz valer o controle das massas, pelas massas; o capitalismo se torna rigoroso e severo em suas aplicações, marcando campos de exclusão aos que não tem poder aquisitivo, uma vez que, para entrar na órbita de acesso a empréstimos, é necessário que o indivíduo possua algo a penhorar. Podemos citar: carros importados, imóveis, etc.

CAPÍTULO III

DIRETRIZES DO PODER CAPITAL

1. TERRITÓRIO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO

Ao retratar relações humanas, em determinado espaço, vale observar as considerações feitas por Costa (2007, p. 101): “devemos antes de tudo pensar a territorialização e a desterritorialização como processos concomitantes”, pois nos darão base para entender as relações de força atuante em épocas diversas.

Na perspectiva de que:

O território é um ato, uma ação, uma relação, um movimento (de territorialização e desterritorialização), um ritmo, um movimento que se repete e sobre o qual se exerce um controle... o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir (COSTA, 2007, p. 127).

A constituição do território de Vila Bela se dá por esta perspectiva, tendo em vista que no século XVIII, para manter relações de força, com a finalidade de assegurar um território que, segundo (ENTREVISTADO G., 2009), “Portugal pagou suas contas com o ouro de Vila Bela”, assim, é compreensivo tanto cuidado com o novo mundo que estava a ser explorado pelos europeus. A disputa maior acontece entre Portugal e Espanha, por meio de tratados.

A questão territorial no “novo mundo” para a coroa lusitana começa quando, em 1730, capitães do mato já faziam picadas na atual Mato Grosso (BANDEIRA, 1988,

p.80-81)²⁷, mas a situação só terá notificação por parte da coroa espanhola que perdia espaço, no tratado de Madri, em 1750 (BANDEIRA, 1988, p.80) toda esta questão de territórios e fronteiras; tem-se um último registro, agora com a República Brasileira e a Bolívia, em “1972 houve o último tratado de limite, traçaram mapas, território bem definido, Nova Fortuna era Bolívia, hoje é Brasil” (ENTREVISTADO B., 2009).

Percebemos que o território de Vila Bela sempre esteve em um constante “devir”, uma constante desterritorialização:

Deleuze e Guattari, Doel vê o espaço como algo sempre em processo, um permanente “tornar-se” (ou “devir”, segundo a tradução brasileira)... “se algo existe, é apenas enquanto confluência, interrupção e coagulação de fluxos”... não há “última instância” ou estrutura primeira... o espaço é, antes de tudo, um processo, uma espacialização (COSTA, 2007, p. 105).

O primeiro movimento, que se dá pela relação de forças, de uma organização territorial, acontece em 1743, quando por uma provisão régia institui a criação de Vila Bela da Santíssima Trindade, tendo como seu fundador e primeiro governador D. Antônio Rolim de Moura (Bandeira, 1988, p. 50), o então novo território da coroa portuguesa é esquadrihado a partir dos princípios disciplinares de que fala Foucault (verificar mapas em anexo): a cidade é desenhada para atender demandas sociais, políticas e econômicas; estabelecida como um forte mecanismo de defesa, tanto territorial (mesmo estando além da linha de fronteira estabelecida pelo tratado de Madri), quanto econômico e político, uma vez que os capitães gerais tinham o dever de cuidar das boas relações sociais e da extração do ouro.

Seguindo o raciocínio que Costa nos apresenta, referente ao território, a partir de uma análise bibliográfica, temos que:

Segundo Moraes (2000:19), “na ótica ratzeliana [Friedrich Ratzel], o território é um espaço qualitativo pelo domínio de um grupo humano, sendo definido pelo controle político de um dado âmbito espacial. Segundo ele, no mundo moderno constituem áreas de dominação ‘estatal’ e, mais recentemente, ‘estatal nacional’” (COSTA, 2007, p. 62).

²⁷ Cabe ressaltar que os capitães do mato não tinham o objetivo de fazer picadas e sim de capturar escravos fugidos.

Vila Bela apresentaria variações de dominação, que vão desde a imperial até a estatal nacional. O território do Vale do Guaporé sofre “agenciamentos”²⁸, termo usado por Deleuze e Guattari, quando é traçada toda uma estrutura política para a defesa de fronteira. Vila Bela (Verificar mapas em anexo) foi traçada a partir de uma ideia disciplinar e panóptica, de forma que a estrutura material da cidade atendesse a demandas do poder vigente (Império), através de representação, na figura dos capitães-generais, sempre prezando pela ordem e disciplina da população e dos escravos.

Mas a própria estrutura social alimenta os agenciamentos, que foram definidos por Costa (2007, p. 123) como sendo “as máquinas sociais, as relações entre os corpos humanos, corpos animais, corpos cósmicos. Os agenciamentos maquínicos de corpos dizem respeito a um estado de mistura e relações entre os corpos em uma sociedade [sexo, alimento etc.]”

Toda e qualquer ação do indivíduo pode se configurar em um conjunto de agenciamentos que é um elemento, uma ferramenta do sistema de controle para a captura do indivíduo e sua formação substancial para a ordem social, para a organização e controle dos “quadros vivos” já referidos.

Costa (2007, p. 134) classifica o agenciamento em “três grandes tipos de ‘máquinas sociais’: a máquina territorial primitiva, a máquina despótica e a máquina capitalista”. A que nos interessa neste trabalho é a máquina despótica, que segue identificada com o segmento disciplinar de Foucault.

Na fala de Costa (2007, p. 135) notamos que “as sociedades capitalistas modernas são sobrecodificadas por um aparelho despótico e transcendente do poder, uma máquina despótica que desterritorializa e disciplinariza os corpos (como na sociedade disciplinar de Foucault [1984])”, onde a codificação faz parte agora, de um novo sistema de captura individual, a “digitalização humana”, uma disciplina não mais aplicada por um viés institucional, pois o sentido disciplinar encontra-se arraigado em nossa mente, a máquina despótica atua por códigos, invade espaços, perpassa territórios, desterritorializa e reterritorializa, atua por noções lisas e estriadas.

Aplicando e tendo Vila Bela como um território que, ao longo de sua existência, desterritorializa e reterritorializa constantemente pelos ribeirinhos,

²⁸ Um agenciamento aqui significa a indução de práticas ou a adoção de tecnologias por parte de um grupo social, definidas ou decididas exteriormente, por parte de agentes ou agências do poder.

entendemos que “estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos. A escala espacial e a temporalidade é que são distintas” (COSTA, 2007, p. 138), os agenciamentos serão de uma mesma ordem para todos os pares, teremos variação apenas de ordem pelo tempo (datas, horas, dia, noite etc.) e pelo espaço (mata, campo etc.).

Podemos anunciar um indivíduo em três momentos, em se tratando de relações de força e a constituição de seu espaço. Temos o primeiro momento do indivíduo e seu território, no segundo momento temos o indivíduo e sua desterritorialização e no terceiro momento o indivíduo e sua reterritorialização.

Aportando em exemplificações, o indivíduo no primeiro momento, em Vila Bela, pode ser notado quando em 1831, a capital da capitania de Mato Grosso é transferida de Vila Bela da Santíssima Trindade para Cuiabá. Literalmente, o “quilombola” ganha um território, que irá permanecer em processo de expansão por mais de um século, até a nova chegada dos brancos, por volta de 1950, como nos anuncia Bandeira (1988, p. 68), aqui há uma ruptura na apropriação do espaço, os remanescentes sofrem uma desterritorialização, mesmo havendo processos de resistência.

Mais recentemente, com o decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003²⁹, que dá o direito de reconhecimento, identificação, demarcação, delimitação e enfim a titulação das terras ocupadas pelos remanescentes dos quilombos, aportando na constituição de 88, citamos:

o artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 estabeleceu que "aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos". A norma constitucional, portanto, não se limitou apenas a ordenar ao Estado a adoção de medidas para a garantia da posse às comunidades étnicas: reconheceu diretamente aos quilombolas a propriedade definitiva sobre suas terras³⁰.

²⁹ **DECRETO N.º 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003.** O presidente da república... . Disponível em: < <http://www.cpisp.org.br/htm/leis/page.aspx?LeiID=140> > Acesso em 20 de fev. 2009.

³⁰ **PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm > Acesso em 20 de fev. 2009.

É a partir deste ato, que podemos considerar o primeiro passo dos quilombolas vilabelenses para uma reterritorialização de seu espaço, fica mais evidente de que estamos a todo tempo transitando de um espaço a outro, não sendo necessária delimitação de tempo (cronológico).

A produção de novos espaços e esta transição esta relacionada intensidade com que uma ação pode influenciar a outra. Por exemplo, o ribeirinho ao sair de suas terras para ocupação dos latifundiários; ir para a cidade e agora, esperançosos de que voltarão a suas terras, estão constantemente produzindo espaços e marcando territórios. Uma relação de poder, sempre condicionada a um processo disciplinar, que age ora pelo poder soberano, ora pelo poder disciplinar, e ora pelo poder de controle.

Todo este “devir” territorial, pode ser entendido a partir dos conceitos de espaço liso e estriado de Deleuze e Guattari (1997, p. 195). Para esses autores o *espaço liso* é identificado como espaço nômade, como o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra. Por seu turno, o *espaço estriado* é considerado como o espaço sedentário, o espaço instituído pelo aparelho de Estado. Assim, “todo progresso se faz por e no espaço estriado, mas é o espaço liso que se produz todo devir”, o espaço estriado é entendido como “limitado e limitante, suas atribuições são constantes, modulares e divisíveis por fronteiras. No estriado o movimento se dá funcionalmente” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 184). Podemos perceber aqui, o estriado como um fator que marca os limites da desterritorialização de um indivíduo, sempre tutelado pela ação do controle contínuo.

Já o espaço liso “é marcado pelos rastros que se apagam e se deslocam durante o fluxo. A variação, a polivocidade, a diversidade de direções são características do espaço liso” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 184), é neste espaço que o indivíduo pode ocupar e desocupar territórios, que pode atuar como um nômade, em constante ação. Os espaços lisos e estriados agem como vigias um do outro, pois estão em constante “vir-a-ser” uns e outros, ou seja, o liso se transfigura em estriado e vice-versa.

Na definição destes espaços, entende-se:

o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso. Num caso organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 180).

Podemos simbolizar a territorialização, a desterritorialização e a reterritorialização vilabelense, como ações do campo dos espaços lisos e estriados, a partir da descrição destes espaços, por Deleuze e Guattari.

Ao tratar de territórios de povos remanescentes de escravos, em um estudo realizado pela Universidade de Brasília, em 2005, os responsáveis pelo estudo, concluíram, que há no Brasil mais de 2.200 comunidades quilombolas, com um total estimado de 2,5 milhões de pessoas³¹, e mesmo assim observa-se a morosidade com que caminham os órgãos competentes para o cumprimento da lei.

No relato do quilombola, Entrevistado B.:

A questão fundiária tem muito a que resolver, podia regularizar 1500 hectares abaixo, hoje a titulação está parada, não há recursos, há muita legislação para regularização, é faixa de fronteira. Na década de 50, o governo Estadual titulou terras, não levando em conta a fronteira, havia deslocamento de título³². [O jurídico] do Estado não atua em 150 km em fronteira, é o governo Federal [quem atua], aqui também há terra quilombola (ENTREVISTADO B., 2009).

Como podemos notar no depoimento, as terras que são destinadas aos quilombolas vilabelenses encontram-se em um processo delicado. O primeiro problema é a falta de investimento nos segmentos que são responsáveis destes assuntos, tendo muito entrave judiciário para a questão da legalização da terra. O segundo problema é que antes havia um limite de extensão de terras que poderiam ser regularizadas, hoje se encontra tudo parado. O terceiro problema, que na visão do depoente é o mais grave e isto deveria ter sido visto com mais atenção, foi quando, na ocasião, o Estado emitiu títulos às terras por cuja posse, agora, brigam os remanescentes; o Estado não levou em consideração o que é denominado de faixa de fronteira, que é um território de 150 km entre fronteiras, que deve ser da jurisdição Federal.

Pode haver muita demora na regularização da terra, inclusive devido a este fator, pois as terras que são reivindicadas encontram-se na seguinte situação: não pertencem a um mesmo dono, então não é tão simples como fazer reforma agrária; há

³¹ **O ARTIGO 68 DOS ATOS DAS DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS...** Disponível em: <http://www.boell-latinoamerica.org/download_pt/Box_Marambaia.pdf> Acesso em 20 de fev. 2009. **OBS:** eu acessei o texto acima indicado e o mesmo hoje (dia 23/12/2010) tem dois parágrafos. Atentar para o risco de usar esse tipo de fonte. Isso desqualifica a sua dissertação.

³² Verificar a obra “**Terra e Poder e Mato Grosso – Política e mecanismo de Burla – 1892-1992**” de Gislaene Moreno, 2007, para um melhor entendimento de como o processo de distribuição de terras se deu no Estado de Mato Grosso, e em especial consultar a p. 220, para o entendimento do conceito de “beliches fundiários”.

falta de investimento culminando no desinteresse político e da própria comunidade ribeirinha; estas terras também fazem parte do que é chamado de terras de fronteira, desembocando em processos não só Estaduais, mas também Federais, fator que dificulta o caminhar da regularização.

Verificamos esta dificuldade de regularização na fala abaixo:

[em Vila Bela] a regularização da terra tem muita barreira, é um caso judiciário com muito [entrave], é uma ação burocrática, pois é um território maior, não é uma única fazenda, há relação do dono e a política. Na faixa de fronteira o uso capião não funciona. Com a falta de estrutura do INCRA para estes fins, [o processo fica mais lento] o órgão desconhecia desta tarefa, não tinha um antropólogo, agora tem, mas na cidade de Cuiabá. É muito demorado, o governo tem boa vontade, mas não está conseguindo implantar. Quando entra o judiciário a coisa anda, mas também depende do interesse do governo [em oferecer] a estrutura. Complicou-se mais com a designação do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) para mexer com a Amazônia (ENTREVISTADO B., 2009).

Não se justifica o uso e a produção nas terras para pedir sua titulação, sendo que, em faixa de fronteira, não há como alegar uso capião, os fazendeiros apóiam-se na morosidade judicial e até em favorecimento político para a não desocupação das terras pertencentes aos ribeirinhos.

O Entrevistado B. vê em Vila Bela uma associação como uma ajuda ao remanescente para valorizar tudo, desde a cultura à pessoa. E é tratando das associações que se pode identificar maior relação de nanopoder entre os remanescentes, podendo ser identificada pela fala:

precisa trabalhar, buscar recurso, [para a comunidade] que tinha sacolão agora parou. Ficam só de conversa fiada. O atual Presidente [funcionário da prefeitura,] da associação [é um erro] ele não corre atrás. Pagamos 3 reais por mês, nunca prestam conta [temos lá uns 8, 12, 14 mil reais] a associação está parada por duas notas fiscais, [por falta de] prestação de contas (ENTREVISTADO F., 2009).

Há consenso de que deve haver mais empenho em se tratando dos interesses dos quilombolas; segundo este relato, o povo que sustenta a associação perde benefícios que o governo oferece por falta de vontade dos dirigentes, que são motivados pela ambição de estar no poder e responder por uma classe. Esta divergência interna pode ser notada também nas atividades dos remanescentes, onde chega a haver até exclusão de algumas pessoas do grupo, em determinadas ocasiões, ratificando a presença de um

nanopoder, poder celular, que entrava o crescimento e até a valorização da tradição dos quilombolas.

2. TERRITÓRIO, UM ESPAÇO NÔMADE

Se entendermos que um território se constrói a partir de uma volta ao espaço antes territorializado, e tendo sido “Vila Bela fundada e tornada capital exatamente para guardar e ocupar o extremo oeste de uma Capitania fixada em área antes espanhola” (AMADO e ANZAI, 2006, p. 33), de cuja área, por ação dos bandeirantes, Portugal se ocupou, podemos identificar este espaço como um território nômade.

Após uma ocupação indevida, por desrespeito às leis, Vila Bela instituída por guardar riquezas inestimáveis, sofre constantes processos de estriamento. O primeiro golpe de desterritorialização acontece quando, em 1820, Francisco P. M. T. de Carvalho transfere importantes órgãos da província instalados em Vila Bela para Cuiabá. A partir daí, o processo de mudança da capital é inevitável. Em 1831, há a mudança definitiva da capital da província, tendo sido instituída, pela lei nº 19 de 28 de agosto de 1835, Cuiabá como a nova capital da província (BANDEIRA, 1988, p. 112).

O nomadismo entendido como um constante “vir-a-ser”, algo em constante movimento, que se transforma, que estria e se alisa, referindo aqui ao território, Vila Bela, após esta data, torna-se um espaço em princípio sem ordens, contradizendo a perspectiva de que os governantes fariam valer como um lugar com leis rígidas.

Amparando-nos nas datas, que, registram a saída dos brancos, em 1831, juntamente com a transferência da capital para Cuiabá, e a volta dos mesmos em 1950, como nos relata Bandeira (1988, p. 68), são 119 anos de abandono e descaso que a cidade de Vila Bela sofre. Note-se que a abolição da escravatura, pela Lei áurea de 13 de maio, é de 1888, e os negros de Vila Bela são livres 57 anos antes, fato de que os remanescentes da região se orgulham, pois seus antepassados estiveram à frente daquele tempo, como preferem pensar.

A primeira ideia que nos vem à cabeça é de que os negros ali residentes, escravos, haviam ficado sem rumo. Mas há agora um território a ser ocupado, e isto é feito pelas famílias mais “espertas” da época, como podemos observar neste relato:

O povo ficou isolado, e a cidade abandonada; não levaram pertences e os negros tocaram a cidade, [com os] armamentos que ficaram, manobravam canhões; continuaram fundindo ouro e tocando os engenhos. Houve revolta entre famílias, contra exército, brigas com índios, morreram muitos negros e índios, ficou um território muito bem armado e perigoso. Algumas famílias apossaram e tomaram conta, escravizavam os bolivianos [para o trabalho], a cidade passou a ter ordem, como se fosse um império independente, aqui os primeiros negros livres datam de 1835, e a [abolição da escravatura] só aconteceu em 1888 (ENTREVISTADO B., 2009).

A partir daí os negros demandaram uma organização social, uma vez que tinham uma cultura imperial, quando, por seus compatriotas foram vendidos a comerciantes, para servir de trabalho escravo no “novo mundo”. Não é de se assustar que estes fizeram funcionar as mesmas atividades de que a cidade estava acostumada, seja com a fundição do ouro, o comércio e principalmente os engenhos. Todas estas atividades não se caracterizavam como trabalho escravo, mas em condições de sobrevivência, em que negros trabalhavam para negros, e as famílias que se apossaram dos bens da cidade, que ficaram abandonados, iam até a Bolívia e traziam em condição de escravatura índios para tocar seus negócios.

Como Costa cita Deleuze e Guatarri, (2007, p. 39), o homem “desde seu registro de nascimento, desterritorializa sua pata anterior, ele a arranca da terra para fazer dela a mão, e a reterritorializa sobre galhos e utensílios”, esta passagem é marcante para entendermos quando dizemos que Vila Bela foi um território nômade, agora com menos intensidade, ainda caminha lentamente com a finalidade de reconhecimento das terras dos remanescentes, para uma reterritorialização.

3. CARTOGRAFIA CAPITAL: UM ETERNO DEVIR DO CONTROLE CAPITAL

Vila Bela, cidade criada com a finalidade de assegurar um território rico em minérios, matéria que pagou as contas da coroa lusitana, sem respeitar o devido acordo assinado entre os reis de Portugal e Espanha, hoje após mais de dois séculos de existência, dá sinais de que parou no tempo.

Segundo relatos de um remanescente quilombola, de família influente na cidade, temos que:

A cidade dormia com o povo; abandono, descaso, agora que está acordando. A cidade passou por três momentos: 1º Colônia; 2º Império; 3º República. O acesso ao comércio [era] pelo Rio Mamoré, [que] tinha 18 cachoeiras e muitos índios. Os quilombolas criaram um modo de viver aqui. Vinha a alagação, e não tinha o poder do governo após a capital mudar. Criaram um modo de vida, copiado dos portugueses e africanos, [viviam em] sistema de “mochirum”³³, reunião para ajudar, um socialismo, valorizava muito o mais pobre. [Quanto a terra], hoje estão regularizando com documentos, sem o “geo” não tem como pegar financiamento. Os índios invadiram o garimpo de ouro, os negros tiveram que sair, por volta de 1975, de São Vicente, data dos últimos moradores (ENTREVISTADO E., 2009).

Quando abandonados, os escravos vilabelenses, por volta de 1835³⁴, foram obrigados a se organizarem em uma nova condição e esta nova organização tem reflexo em suas origens. As guerras entre os impérios no continente africano dão pulsão ao comércio de negros nas águas do Atlântico, eram os prisioneiros de guerra, que seriam revendidos nas Américas: Brasil, Cuba, Venezuela e Caribe, tendo sido o reino de Daomé, atual Benin na África, o responsável pelo controle da produção e exportação de escravos³⁵.

Assim como se organizavam em seus antigos territórios, os negros de Vila Bela tiveram que se organizar, sendo que segundo relatos, os negros mais “espertos” tomaram frente e despontaram na economia e controlaram seu novo território, não chegavam a escravizar seus companheiros, mas estes trabalhavam por bem pouco, mas fizeram uso do trabalho escravo com os índios da região, na época.

Para os mais pobres, a organização se deu em um formato social que valorizava o socialismo, não por entender que este era o melhor, mas por não ter alternativas, uma vez que os remanescentes tinha espírito solidário, de ajudar o outro. A partir da antiga sociedade a que pertenciam, a África, com a vivência com os

³³ Nome usado para denominar as reuniões de indivíduos para ajudar outro a realizar determinada tarefa, faziam mochirum quando algum ribeirinho solicitava ou quando julgavam que um ou outro necessitava de auxílio.

³⁴ Em 1831 como é elucidado pela bibliografia, é a data que transfere a capital de Mato Grosso de Vila Bela para Cuiabá, sendo que só em 1835 instituído por lei. Podendo ser notado na fala de alguns entrevistados onde reconhecem a mudança da capital apenas depois de instituído por lei.

³⁵ BARBIERI, R. **Atlântico Negro – Na rota dos orixás**. [Documentário-DVD]. Produção de Renato Barbieri. Barsil, 1998.

portugueses, os negros antes desterritorializados, pois não estavam mais sob tutela de seus senhores, ganham um território, que passará a ser ocupado por uma relação de força, chegando até a ter brigas (com morte) entre famílias de remanescentes.

Uma das grandes preocupações dos negros que ali ficaram era a presença dos índios, vistos pelos negros como bravos e cruéis, e segundo relatos, por volta de 1975, os negros que ainda viviam em São Vicente, lugar de extração de ouro, foram obrigados a se mudar para as margens dos rios, por causa dos ataques constantes dos índios.

Ao retratar a história da cidade, acreditam houve três períodos marcantes para o Vale do Guaporé, o primeiro é o da Colônia, com o desbravamento por parte dos bandeirantes, época triste por causa da escravidão, o segundo momento é o do Império, lembrando de que na época da colônia o poder instituído no Brasil era pela coroa portuguesa e parte pela coroa espanhola, mas refere-se aqui ao império, quando a família real vem para o Brasil, momento de alegria, pela liberdade dos escravos, como vimos muito antes da abolição para os negros de Vila Bela. O terceiro período, a República, momento marcante, e novamente triste, pela perda de seu território, momento de expansão do povo, os que ganhavam terras, as chamadas colônias, para ocupação das “terras desocupadas” do Brasil.

Como se pode verificar, a partir do Relatório do Projeto Guyagrofor, desenvolvido entre 2005 e 2009, por uma equipe da Universidade Federal de Mato Grosso, um dos primeiros passos para a perda do espaço negro ocorre na

década de 60 do século XX. Nesta época - quando os militares assumiram o comando do Estado Brasileiro - foi desenvolvida e difundida a ideologia da ocupação dos chamados *espaços vazios* da Amazônia³⁶. Estas ações do governo brasileiro davam continuidade a ações ligadas à divisão internacional do trabalho (iniciada ainda no final do século XIX) que preconizava para as ex-colônias europeias – geralmente países tropicais – a tarefa de abastecer o mercado dos países do Norte (especialmente o europeu) de gêneros agrícolas e de matérias primas para a indústria. (GUYAGROFOR, 2005).

Há incentivo para uma ocupação desmedida, mas com certos requisitos, entre os quais o poder capital, a “barganha” pela terra barata, fértil e próspera com criação de gado e a existência de um povo preguiçoso (quilombola), segundo relato do

³⁶ Maior floresta tropical em área contínua do globo: tem cerca de 7 milhões de km², distribuídos em 8 países (Brasil, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa). Só no Brasil, estão cerca de 4 milhões.

Entrevistado B., tudo isso atraiu muitos investidores do sudeste e sul do país em Vila Bela.

Hoje:

Vila Bela tem várias fases, a propriedade rural domina, a cidade sofreu um freio na transferência da Capital, o negro do garimpo, ficou mais de um século sem desenvolvimento, de 1835, só tivemos primeiro prefeito em 1949, não tinha como desenvolver nada, teve liberdade sem nenhum preparo, a cidade ficou em estado de abandono. Região tomada por índios, a comunidade não ficava em paz, por isso foram para outro lado do rio (remanescente). Não tinha estrada, ainda não tinha Lacerda, o caminho era pelo rio, até Guarajá Mirim (ENTREVISTADO G., 2009).

Neste depoimento, percebemos o abandono da cidade, a necessidade de sua ocupação e controle pelos próprios negros que, como dissemos anteriormente, com base em suas raízes, de domínio e reinados, marca-se aqui um poder soberano, em que uns guerreiros escravizavam os outros no continente africano, em troca de quinquilharia e fuzis³⁷. Após sua liberdade, o escravo em Vila Bela atua por estes princípios, mesmo antes desta “suposta liberdade”, temos relatos de um poder soberano, nos quilombos, onde em

1770... quilombo do piolho... teve rei e rainha. O rei era falecido há anos. Por seu falecimento, ficou a rainha governando, com poder tão absoluto que, não só chegou a mandar enforcar, mas também quebrar pernas e braços e enterrar vivos aqueles que arrependidos da fuga, queriam tornar para a casa de seus senhores, sem que para semelhantes e outros castigos fosse preciso legal prova. (AMADO e ANZAI, 2006, p. 139).

Por isso não é de se assustar com o posicionamento tomado pelos remanescentes após ficarem neste estado de liberdade, com a transferência da capital para Cuiabá. Apenas é salutar pelo fato de, segundo relatos, “naquele tempo era sofrido, mais tinha respeito, amor pelo outro, não tinha politicagem, naquele tempo éramos mais felizes” (ENTREVISTADO C., 2009), então qual o motivo de escravizar índios da região, se prezavam tanto a liberdade, a igualdade e o amor pelo outro, se só pelo compatriota, não seria um egoísmo desmedido e um sentimento individualista?

A partir de observação pelos períodos históricos, a vivência de conceitos descritos por Foucault e Deleuze, para uma Europa do século XIX, verificamos que a

³⁷ Documentário. **Atlântico Negro - Na rota dos orixás**. Direção de Renato Barbieri, 1998.

historia é fragmentada por ações de poder que se faz necessário em determinado momento, não há uma linearidade em se tratando de formas de poder na história; esta se apoia em mecanismos que se apropriam de todo um conjunto social, por exemplo, enquanto a França já caminhava em uma sociedade disciplinar, Vila Bela ainda pairava sob o domínio soberano, a disciplina é fundamental nesta malha de domínios.

Este espaço após uma nova configuração, em 1949, como nos foi relatado, a cidade tem o primeiro prefeito para uma organização social, antes a cidade vivia em completo abandono, sem investimentos e sem qualquer preocupação do poder público. A cidade começa a sofrer ações mais deteriorantes do que o abandono, entre eles, com projetos que efetivaram pelo governo nacional, a partir de 1974:

POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento do Cerrado), PRODEPAN (Programa de Desenvolvimento do Pantanal), POLAMAZÔNIA (Pólo Agropecuário e Agromineral da Amazônia) e POLONOROESTE (Programa de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil). No discurso oficial estes planos e programas, além de buscar o desenvolvimento da região Centro-Oeste e Norte do Brasil, iriam realizar sua integração à economia de mercado (já realizada pelo Centro-Sul do país). Sobretudo, o que se pretendia era **“civilizar”, “disciplinar”, “educar”** - para o mercado, sem dúvida - os povos espalhados por estes ermos a Oeste e ao Norte do país. (GUYAGROFOR, 2005).

Sempre as ações se fortalecem pelo processo disciplinar, ficando explícita nos princípios destes projetos, a intencionalidade das ações, em resultados que eles esperavam, e que, de fato, resultou na criação de bovinos no Vale do Guaporé, principalmente. Segundo relatório do projeto Guyagrofor (2005). “o município detém cerca de 800.000 cabeças de gado, conforme Diagnóstico da Prefeitura de Vila Bela, de 2004”; tendo em vista o espaço do território, este número é notável, levando em conta também o número de habitantes da região (ver tabela nos anexos).

A despreocupação por parte do governo, com o povo que já habitava as terras, que não eram vazias e mantinham o sustento não só de vidas, mas de culturas, é mais nítida, (LENHARO, 1986 *apud* GUYAGROFOR, 2005), quando “em 1954, por informações do jornal *O Estado de São Paulo*, de que, no Departamento de Terras do Estado de Mato Grosso, havia 40.000 processos em tramitação”, para regularização de terras estes requerimentos vinham principalmente por parte de empresários do sul do país, em sua maioria políticos.

Projetos implementados pelo governo por volta da década de 1960 trouxeram algumas implicações, tais como:

o que assegura sua posse não é mais o uso e sim o título; diminuíram as posses coletivas e passando a predominar a posse individual; à expulsão de indígenas e quilombolas de suas terras; a mão de obra deixou de ser empregada nas atividades agrícolas autônomas e passou a ser vendida nas fazendas (chiquitanos, e assentados); à criação de **assentamentos** rurais com população local [chiquitanos e quilombolas] e com migrantes de outras regiões do Brasil, especialmente do Centro-Sul e do Nordeste (no município de Vila Bela estes assentamentos configuram como uma espécie de “**guetos rurais**” cercados por **grandes fazendas**) (GUYAGROFOR, 2005).

É clara a noção de isolamento social e diminuição de forças coletivas, tendo em vista a continuidade do poder pelos donos do capital, e a riqueza que Vila Bela possui. Os guetos exercem a função de afunilamento para uma tomada efetiva das terras dos remanescentes, hoje não podendo abertamente expulsá-los de suas terras por ameaças ou assassinatos, esta é uma das alternativas que o controle encontrou, fechar o indivíduo em si mesmo, em sua condição sócio - político - econômica.

De acordo com relatos, na década de 1960, os imigrantes entraram na área rural, com a ideia de serem aquelas terras devolutas, “faziam pista para avião, se bem que facilitou o desenvolvimento, todo mundo queria as terras, pois esta eram agricultáveis, e tinham muita madeira. Eles ocupavam toda área vazia, não tinha órgão para regulamentar, tinha engrenagem com políticos em Cuiabá” (Entrevistado G., 2009).

A falta de orientação para os ribeirinhos facilitou muito a apropriação indevida de suas terras por empresários, seja pagando pouco pelo espaço para a saída das terras ou tendo que sair via força ostensiva, como podemos notar na fala de Costa “o controle exercido é generalizado, multilateral. As empresas controlam seus clientes; as ONGs controlam as empresas e os governos; os governos controlam os cidadãos; e os cidadãos controlam a si mesmos, já que precisam estar atentos ao que fazem” (Costa 2004, p. 164), este é um retrato do que acontece principalmente no Vale do Guaporé, um eterno devir do controle infinito.

Segundo Entrevistado G., (2009):

Na década de 1980 vem o INCRA, e os fazendeiros ficam com tudo. Tinha capangas para [proteger as] fronteiras, jagunços, eles impunham

respeito [pelo medo]. Invadiram uma fazenda recentemente, veio mandado para despejo e alguns foram presos aqui na rua, a uns 15 dias atrás³⁸, [invadiram uma] terra sem documento. O dinheiro manda, há ameaça, latifundiários amedronta o povo.

Percebe-se que ainda permeia e efetiva-se a noção de “coronéis do latifúndio” em algumas regiões de Mato Grosso; há uma ligação estreita entre o poder público e os donos destas terras, que é assunto para muito diálogo, tendo em vista que em grande parte da aquisição destas terras, mesmo que de caráter ilegal, foi feita ora pelo Estado, ora pelo governo Federal, através de seus órgãos competentes para esta finalidade.

Para Pelbart, (2003, p. 13), “ao poder sobre a vida (biopoder) deveria responder o poder da vida (biopotência), a potência “política” da vida, na medida em que ela faz variar suas formas, reinventar suas coordenadas de enunciação”, e reinando em Vila Bela na época das ocupações de terras, um poder soberano, na figura dos fazendeiros, onde,

mandavam por que tinham dinheiro, de primeiro ia trabalhar e tinha o fiscal atrás de mim, de madrugada dizia: levanta menino, passarinho que não deve nada a ninguém já ta de pé molhado. Trabalhávamos de doze a dezesseis horas por dia, éramos livres, [mas escravizados] éramos humildes. Em outras derrubadas matavam muitos peões. Hoje a lei nos ajuda muito (ENTREVISTADO F., 2009).

Mesmo após todo o processo e discurso de liberdade, os ribeirinhos trabalhavam por uma vida melhor, mas nem sempre o sacrifício valia à pena, viviam nos campos de trabalho, nas derrubadas, sob vigilância constante, sob pena de castigos severos. Note-se que, para Foucault, na sociedade disciplinar a essência é o aproveitamento de energia, e isto se dá sob vigilância constante, neste relato temos o vigiar de um controle disciplinar, mas uma punição do poder soberano, fazer morrer para dar o exemplo.

Sinais de um poder soberano encontramos quando:

na apressada fuga em que foram, no saltar de um riacho se estrepou aquela desaventurada rainha em um pé, isso a tempo que já os soldados iam sobre ela, por a terem visto. Com facilidade a prenderam e trouxeram ao aquartelamento, onde estava o sargento-mor. Posta aí em prisão, à vista de todos aqueles a quem governou naquele Reino, lhe diziam estas palavras injuriosas, de forma que, envergonhada, se pôs muda ou, para melhor dizer, amuada. Em poucos dias expirou de

³⁸ Relato coletado em 20 de Julho de 2009.

pasmo. Morta ela, se lhe cortou a cabeça e se pôs no meio da praça daquele quilombo, em um alto poste, onde ficou para memória e exemplo dos que a vissem (AMADO e ANZAI, 2006, p. 140).

Por este relato, assim como vimos anteriormente na página 55, sobre o quilombo do piolho, ressaltamos a verificabilidade de um “mosaico” da relação de força em Vila Bela, ora apresentando o poder soberano pela sociedade do espetáculo, em uma sociedade disciplinar, e vice-versa, e em outros momentos o poder disciplinar em sociedades de controle e vice-versa, bem como práticas soberanas ou de outra natureza em épocas distintas da que foi outrora.

4. ADEUS AO TERRITÓRIO

Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum (PELBART, 2003, p. 23)

“Território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades” (COSTA, 2007, p. 35). Perder seu território significa se desterritorializar e não perder uma identidade, mas sim enfraquecer uma cultura. Após várias transformações territoriais, os remanescentes quilombolas lutam por um espaço, que julgam pertencer a eles, tendo em vista que:

em 18 de setembro de 1789 se publicou um bando no qual ordenou Ilustríssimo e Excelentíssimo senhor general que todas as pessoas que tivessem sesmarias concedidas as apresentassem para se registrarem nas Câmeras respectivas deste governo, no termo de seis meses, [com] pena de ficarem sem vigor (AMADO e ANZAI, 2006, p. 281).

Logo, estas terras, concedidas na forma de sesmarias, após seu abandono por parte dos brancos por mais de cem anos, foram através de seu uso (para o plantio,

caça e coleta) apropriadas pelos descendentes de escravos. Assim é justo que, hoje, os descendentes dos escravos de Vila Bela, hoje denominados quilombolas reivindiquem este território a que deu vazão à subsistência e propagação de uma cultura, uma tradição. Temos nesta data (1789) o primeiro ato de controle do território por parte da coroa que dura até a retirada dos portugueses e seus descendente, ao final do século XVIII e início do XIX. Deste período “até a década de 1950, a maior parte das terras do município de Vila Bela era utilizada por negros, indígenas e seus descendentes. Predominava o uso comum de tais terras” (GUYAGROFOR, 2005), mas a ocupação destas terras se dava apenas por um aspecto de subsistência, cultivavam a terra apenas para sobreviver, o povo acordou e começou a dar “valorização nos últimos 10 anos, por achar que era de todos, bem comum, não valorizava” (ENTREVISTADO B., 2009).

Segundo o relatório do Projeto GUYAGROFOR, já referido, “a partir dos anos 50 do século passado, as terras comuns utilizadas pelos afrodescendentes foram cortadas “na prancheta e comercializados na bolsa de São Paulo e do Paraná”. Este fato é também referido em um depoimento de um quilombola de Vila Bela. Note que se há um desinteresse e uma desvalorização dos direitos do homem, estes se dão a partir do Estado.

Com a nova ação do Estado, por ocasião da ocupação das terras a Oeste do Brasil, a partir dos anos 50 do século XX, a região do Vale do Guaporé, após longo período de abandono e relativo isolamento volta a ser foco de interesse de investidores e exploradores de outras partes do país, sobretudo da Região Centro-Sul. Durante todo o século XIX e parte do XX os negros estiveram ali explorando os recursos naturais: deram continuidade a extração do ouro, instalaram engenhos para a produção de aguardente e açúcar. Isso gerava alguns produtos para que servissem como moeda de troca de produtos que não conseguiam ali produzir. Quanto às terras até mesmo as famílias mais instruídas tiveram problemas para a legalização das mesmas, uma vez que tal legalização implicava vencer vários obstáculos burocráticos que a maioria das famílias de Vila Bela não dominavam. Os remanescentes dos quilombos ainda hoje vivem buscando o processo de reconhecimento e liberação de seu território.

Após os anos 60 do século passado apareceram várias pessoas interessadas nas terras, localizadas no em torno de Vila Bela; estas eram baratas e produtivas, o que fez com que atraíssem investidores de outras regiões do Brasil que as viram como bons negócios futuros. Tais investidores, aliados aos membros do poder estadual,

conseguiram se apropriar do território até então sob o controle dos remanescentes dos quilombolas. Um dos relatos aponta nesta direção.

Tomaram nossas terras, tinha coronel corrupto que na época mediava os fazendeiros com os pistoleiros. Temos força divina que nos dá força. Abandonamos [nossa terras] para os fazendeiros sob ameaça, fomos tirados à força, indo para Casalvasco. Diziam que fazíamos grandes roças, derrubadas, não fazíamos isso (ENTREVISTADO C., 2009).

A ação do poder soberano é categórica, no Vale do Guaporé, o fazer morrer para o exemplo, ou seja, a ameaça funcionava como um aviso para aqueles (ribeirinhos) que moravam na região. Com esta visão, as terras que produziam apenas para a sobrevivência de um povo abandonado, passam a ser mecanismo de uma economia, regida pela madeira, borracha e criação de gado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Nosso trabalho esteve alinhado à ideia de que o espaço ou o território em torno de Vila Bela foi e é composto a partir do poder disciplinar; este tem sido eficaz ao organizar as massas e docilizar os corpos com vistas à apropriação do território. Vimos ainda que a disciplinarização e a apropriação esteve a serviço da manutenção da ordem social e que na verdade hoje o espaço de Vila Bela é um espaço disciplinado para o boi; é esquadrinhado pela força do capitalismo e dirigido por uma ordem de controle, cujo comando está sob os auspícios dos latifundiários do Vale do Guaporé.

Vila Bela é um “mosaico do controle”, é um controle baseado nas sociedades: soberana, disciplinar e de controle, que atuam simultaneamente a partir de técnicas e mecanismo do poder. O espaço vilabelense foi constituído pelo princípio panóptico, para assegurar o controle e expansão do território português. E para isso buscou uma melhor organização, visando assegurar a ordem social e facilitar o comando dos capitães gerais que a Coroa Portuguesa para ali designava.

Através de mecanismos da disciplina, tais como o exame, a sanção normatizadora, entre outros, é possível que um espaço possa ser configurado e reconfigurado de acordo com o interesse do poder instituído. No caso de nossa pesquisa, inicialmente (século XVIII) os mecanismos disciplinares foram úteis a fim de guarnecer

uma fronteira movente, organizar um povo para extrair riquezas do Vale do Guaporé e, em seguida (segunda metade do século XX), a disciplina foi recuperada para manter os interesses dos latifundiários da região. Neste momento os mecanismos atuam sob a égide da sociedade de controle, conforme visto.

Vimos que o agronegócio tomou conta da região e que, a partir de dados coletados no site do IBGE, há fortes indícios que ratificassem nossa hipótese: que a espaço no entorno de Vila Bela é, hoje, disciplinado com vistas à criação de gado.

Com estas informações em mãos e a análise das mesmas, percebe-se a docilização dos corpos, diferentemente da ação deste conceito pensado por Foucault nos espaços Europeus, século XVIII, uma vez que, no Vale do Guaporé, há uma mescla das sociedades e a disciplina atuando por elas desde a criação da cidade, até hodiernamente.

Para tais efeitos, fizemos uso dos conceitos de território, desterritorialização e reterritorialização, ora pela visão da Geografia, ora pela ótica da Filosofia, conforme descrita ao longo do texto.

A disciplina possui importância significativa, pois o espaço é organizado sempre com a finalidade de um controle, e este processo disciplinar em Vila Bela, como pode ser representado pelos dados coletados no site do IBGE, e descritos na página 37, este território, hoje, atende prioritariamente aos senhores do latifúndio e suas rezes; o desenvolvimento do município e o atendimento a sua gente (tanto sua área urbana quanto rural) são deixados à parte. E como há um maior número de bovinos que pessoas, parece-nos, que àqueles é dado mais atenção.

Foi possível perceber que o controle efetiva-se neste espaço atuando no início da constituição da cidade e de seu entorno, de forma rígida, pelo princípio da sociedade soberana, aplicando castigos físicos para os efeitos da ordem; e hoje, a ação disciplinar se dá no âmbito da organização das massas, via “sociedade de controle”, descrita por Deleuze. Tal organização – e submissão que ela implica - se dá de forma sutil, sem a percepção do indivíduo no processo.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BIBLIOGRAFIA:

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AMADO, J e ANZAI, L.C. **Anais de Vila Bela 1734 – 1789**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato: EdUFMT, 2006. – (Coleção documentos preciosos).

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. São Paulo: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 148p. ISBN: 8571104956.

BANDEIRA, M. L. **Território negro em espaço branco – Estudo antropológico de Vila Bela**. São Paulo. Editora Barsiliense, 1988.

BOUTANG, P-A. ; PARNET, C.. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**. [Filme-DVD]. Produção e direção de Pierre-André Boutang. Paris, 1988-1989.

BARBIERI, R. **Atlântico Negro – Na rota dos orixás**. [Documentário-DVD]. Produção de Renato Barbieri. Barsil, 1998.

CARLOS, G. **Mitos, Emblemas, Sinais – Morfologia e história**. São Paulo. Companhia das Letras. 1989.

COSTA, R. . **Sociedade de Controle**. São Paulo em Perspectiva, 18(1): 161-167, 2004.

COSTA, R. H. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DELEUZE, G. **Pourparlers**. Paris: Lês Éditions de Minuit, 1990.

DELEUZE, G. **“Post-Scriptum” sobre as Sociedades de Controle. In: Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbar. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução Claudia S. Martins. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Vol. IV e V).

FOUCAULT, M. **La Volonté de Savoir**. Paris, Gallimard, 1976.

_____. **Soberania e Disciplina. In Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 31ª. Ed. Petrópolis: vozes, 2006.

GUYAGROFOR, Projeto. **Development of Sustainable Agroforestry Systems Based on Indigenous and Maroon Knowledge in the Guyana Shield Region**. Coord. José Carlos Leite. Mato Grosso Federal Universidade -UFMT. Relatório de pesquisa, 2005.

MATHIESEN, Thomas. “**A sociedade espectadora. O ‘panóptico’ de Michel Foucault revisitado**”. Revista Margem – Tecnologia, Cultura, Nº 08. São Paulo: EDUC/FAPESP, dezembro de 1998, p. 77-95.

MATHIESEN, T. **A sociedade espectadora: o “panóptico” de Michel Foucault revisitado**. Margem, São Paulo, n. 8, p.77-95, dez. 1998.

MATHIESEN, T. **The viewer society: Michel Foucault’s “Panopticon” revisited**. Theoretical Criminology. 1997.

MORENO, Gislaine. **Terra e Poder em Mato Grosso – Política e Mecanismo de Burla – 1892-1992**. Cuiabá, EdUFMT, 2007.

NEGRI, A. **Exílio**. São Paulo, Iluminuras, 2001.

PEARSON, K.A. **Viroid Life – Perspectives on Nietzsche and the Transhuman Condition**. Londres & Nova York: Routledge, 1997.

PELBART, P. P. **Vida Capital: Ensaios de Biopolítica**. Editora Iluminuras LTDA, São Paulo, 2003.

SANTOS, C.C. **Composição Filosófica**. Editora Baraúna, São Paulo, 2008.

SILVA, M. P. and MOURA, C. B. **Mídia e a figura do anormal na mira do sinóptico: a constituição discursiva de subjetividades femininas**. Rev. Estud. Fem.[online]. 2008, vol.16, n.3, pp. 841-855. ISSN 0104-026X. doi: 10.1590/S0104-026X2008000300006.

TONI, Gilmar J. **Do espetáculo punitivo à sociedade disciplinar e de controle**. João Pessoa: Dissertação de Mestrado, 2004.

WEBGRAFIA:

BRASIL. Cidades - **Mato Grosso**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> > Acesso em: 06 de ago. 2009.

BRASIL. DECRETO N.º 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003. **O presidente da república...** . Disponível em: < <http://www.cpisp.org.br/htm/leis/page.aspx?LeiID=140> > Acesso em 20 de fev. 2009.

BRASIL. Estados - **Mato Grosso**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mt> > Acesso em: 06 de ago. 2009.

BRASIL. Estados - **Mato Grosso – Senso agropecuário 2006**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=mt&tema=censoagro> > Acesso em: 06 de ago. 2009.

BRASIL. Estados - **Mato Grosso – Contagem da população 2007**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=mt&tema=contagem> > Acesso em: 06 de ago. 2009.

BRASIL. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/> > Acesso em: 09 de jul. 2009.

BRASIL. **Países**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/paisesat/> > Acesso em: 06 de ago. 2009.

QUANTO PESA O PESO. Disponível em: < <http://www.cfnt.org.br/peso.doc> > Acesso em 12 de jun. 2009.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Notícias - **Uma contribuição sobre Foucault**. Entrevista com Antonio Negri. Disponível em: < http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=14906 >. Acesso 27 de jul. 2008.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. Jornal Nacional **MP** [Ministério Público] investiga venda de dados sigilosos. Disponível em < <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL1239610-10406,00-SP+MP+INVESTIGA+VENDA+DE+DADOS+SIGILOSOS.html> >. Acesso em: 27 de jul. 2009.

OCUPAÇÃO DE RONDÔNIA. **O real forte do príncipe da beira**. Disponível em: < <http://www.pakaas.net/rondonia.htm> > Acesso em 21 de jun. 2009.

O ARTIGO 68 DOS ATOS DAS DISPOSIÇÕES CONSTITUCIONAIS... Disponível em: < http://www.boell-latinoamerica.org/download_pt/Box_Marambaia.pdf > Acesso em 20 de fev. 2009.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm > Acesso em 20 de fev. 2009.

SCIELO BRASIL. **Revista Estudos Feministas**. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000300006&script=sci_arttext#back26back26 > Acesso em: 15 de jul. 2009.

SÉCULO XVIII - HISTÓRIA E LITERATURA. Disponível em: <
<http://hps.infolink.com.br/daniela/academicos/seculo18.html>> Acesso em: 19 de mar.
2009.

VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE. Geografia. Disponível em: <
http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Bela_da_Sant%C3%ADssima_Trindade> Acesso em:
10 de jul. 2009.

YOUTUBE. Atlântico Negro - Na rota dos Orixás (Vídeos:1; 2; 3; 4; 5; 6).
Disponível
em:<http://www.youtube.com/watch?v=bQ_oTIAe0FI&feature=PlayList&p=7E60C0B8B35E266C&index=0> Acesso em: 27 de jun. 2009.

ANEXOS

A - MAPAS DE VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE.

Figura 1

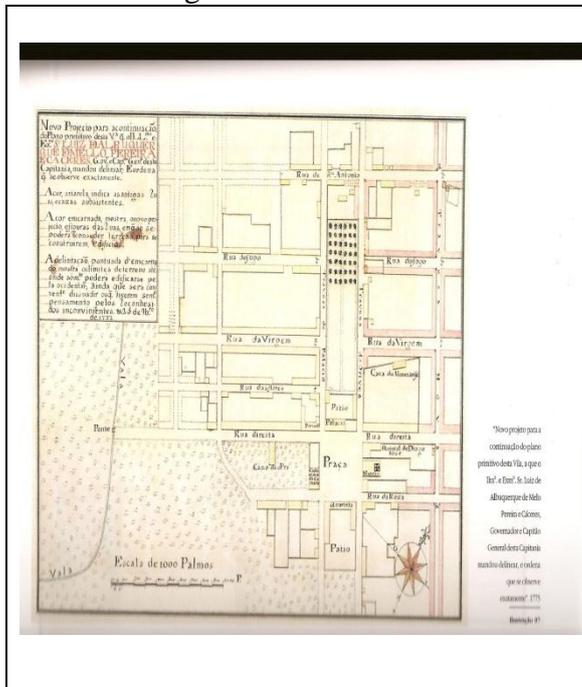


Figura 2

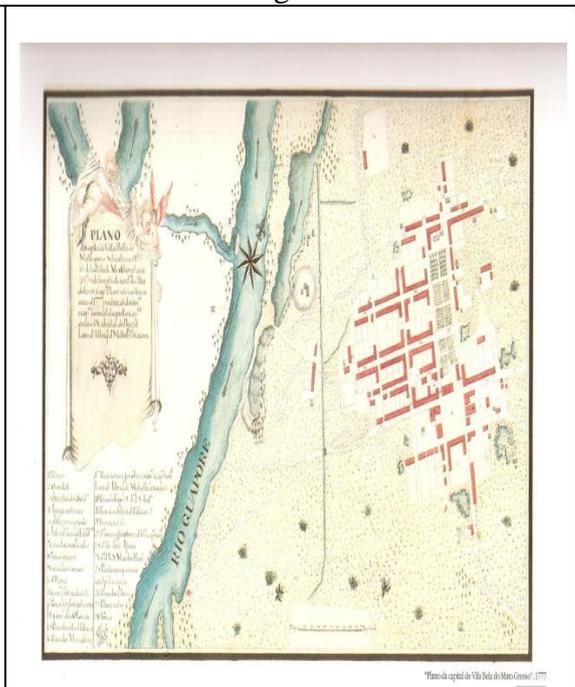


Figura 3

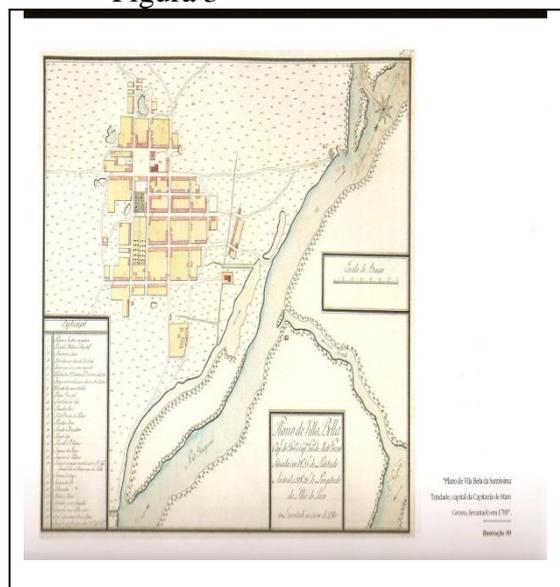


Figura 4

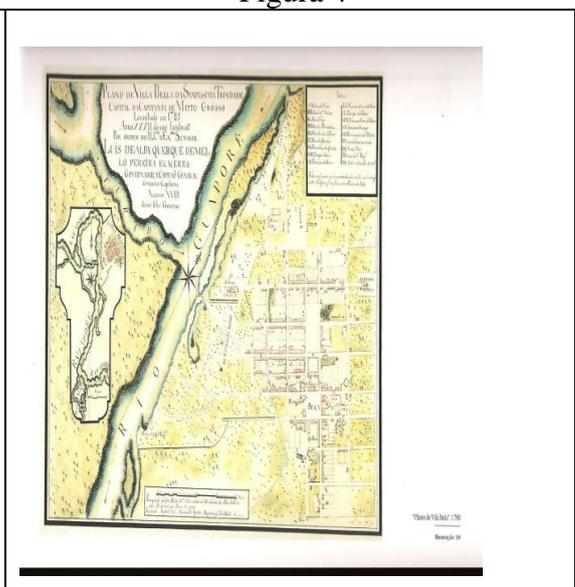


Figura 1: Ilustração 07 - “Novo projeto para a continuação do plano primitivo desta Vila, 1775. Fonte: (AMADO e ANZAI, 2006);

Figura 2: Ilustração 08 – “Plano da capital de Vila Bela do Mato Grosso” 1777. Fonte: (AMADO e ANZAI, 2006);

Figura 3: Ilustração 09 – “Plano de Vila Bela da santíssima Trindade, capital da Capitania de Mato Grosso, levantado em 1789”. Fonte: (AMADO e ANZAI, 2006);

Figura 4: Ilustração 10 – “Plano de Vila bela”. 1780. Fonte: (AMADO e ANZAI, 2006).

B - QUESTIONÁRIO APLICADO À POPULAÇÃO DE VILA BELA.

B.1. -QUESTÕES – I

Estas questões foram dirigidas a moradores mais antigos de Vila Bela, tendo em vista uma estimativa que pode variar de 60 a 70 anos de idade, de preferência os quilombolas.

1 - Como os nativos (índios) que já viviam aqui na região conviveram com o povo que veio habitar o então vilarejo de Vila bela?

2 – O cultivo das roças traz implicações para a natureza?

3 – É fácil encontrar trabalho em Vila Bela?

4 – Como está a tradição do povo Quilombola?

5 - Quais os interesses da juventude em relação a esta terra que é do povo?

6 – Ainda se mantém a tradição do pai como “chefe” nas famílias quilombolas de Vila Bela?

7 – Como é o acesso a terra para o cultivo de roças ou criação de gado?

8 – Como você vê o serviço público de Vila Bela (Saúde, Policiamento, Prefeituras etc.)?

9 – O que a poaia e a mineração significaram para Vila Bela?

B.2. - QUESTÕES – II

Estas questões foram dirigidas a moradores que tenham alguma instrução educacional escolar e aqueles que já tiveram contato com órgãos que estão ligados a financiamento, a terra etc. Bem como pessoas envolvidas em movimento sem terra.

1 – Como é marcado o território de fronteiras, de limite das propriedades? Há cercas? Policiamentos? Etc.

2 – Qual fonte de renda encontramos em Vila Bela para o povo?

3 – O poder público de Vila Bela atende às necessidades da população?

4 - Como é viver em Vila Bela, levando em conta: segurança, saúde, convivência com as famílias, etc.?

5 - Há alguma relação entre o álcool e o futuro dos jovens de Vila Bela?

6 – Como é esta questão da Terra em Vila Bela, levando em conta: número de fazendas, número de sítios e o reconhecimento das terras pelos órgãos do governo?

7 – Há um motivo de por que a cidade está cercada de pequenos sítiantes?

8 - Mesmo sendo um território com uma boa produção de gado de corte por que a cidade cresce lentamente?

9 – O que a poaia e a mineração significaram para Vila Bela?

B.3. - QUESTÕES – III

Estas questões foram dirigidas principalmente a líderes quilombolas [associações], a pessoas do setor público e do comércio de Vila Bela.

1 – Como está o crescimento da propriedade privada em Vila Bela?

2 – Qual a fonte de renda do povo de Vila Bela? Há emprego assalariado?

3 – O que contribui para o desenvolvimento de Vila Bela? A educação pode ser considerada um fator de desenvolvimento?

4 – O canjinjim é uma bebida Ribeirinha, tradicional, em qual idade ela é mais consumida em Vila Bela?

5 – Há relação entre: crenças, ritos, festas dos quilombolas e os rios: Alegre e Guaporé?

6 – Qual a relação entre: Poder público, as associações e a propriedade privada em Vila Bela?

7 – Podemos relacionar a escola enquanto instituição de ensino, com o sexo e as drogas?

8 – O que a poia e a mineração significaram para Vila Bela?

C [Tabela 2] - TABELA DA POPULAÇÃO RESIDENTE, SEXO E SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO EM VILA BELA.

Municípios	População residente, sexo e situação do domicílio					População residente de 10 anos ou mais de idade		
	Total	Homens	Mulheres	Urbana	Rural	Total	Alfa-betizada	Taxa de alfabetização (%)
Mato Grosso	2.504.353	1.287.187	1.217.166	1.987.726	516.627	1.981.816	1.761.966	88,9
Vila Bela da Santíssima Trindade	12.665	6.825	5.840	2.787	9.878	9.475	8.016	84,6

Fonte: CENSO DEMOGRÁFICO 2000. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31o/tabela13_1.shtm&paginaatual=1&uf=51&letra=V > Acesso em: 19 de jun. 2009.

*** PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar) esta pesquisa**

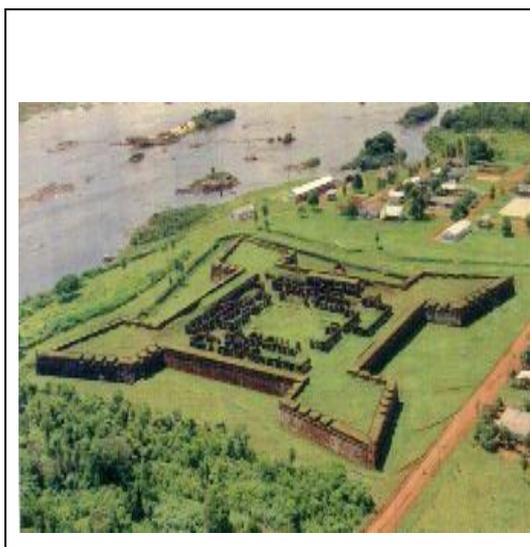
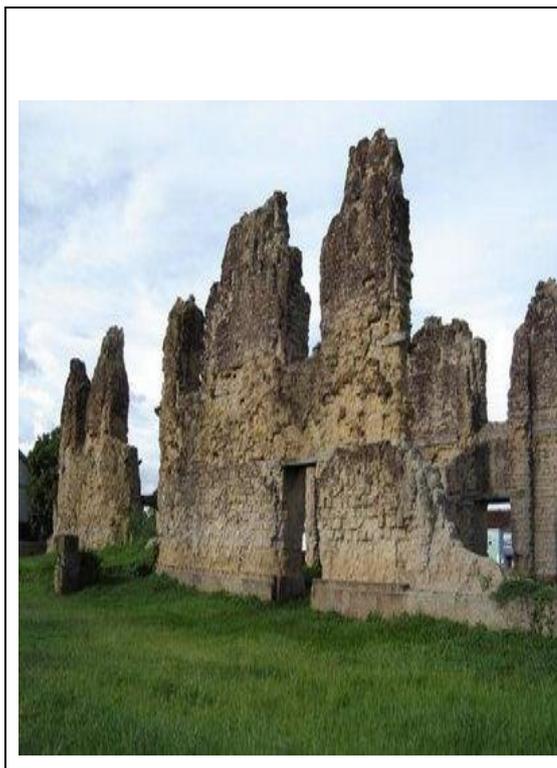
ILUSTRAÇÕES E, F, G E H.**Figura 5****Figura 6**

Figura 5 - G - Imagem do Real Forte Príncipe da Beira³⁹.

Figura 6 - H - Imagens da Cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. H.1. - VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE. Foto. Disponível em: <<http://www.mochileiro.tur.br/vila-bela.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2010.

³⁹ OCUPAÇÃO DE RONDÔNIA. O real forte do príncipe da beira. Disponível em: <<http://www.pakaas.net/rondonia.htm>> Acesso em 21 de jun. 2009.

Figura 7**Figura 8**

Figuras 7 e 8 - H.2. e H.3. – Imagens da ruína cedidas pelo entrevistado A;